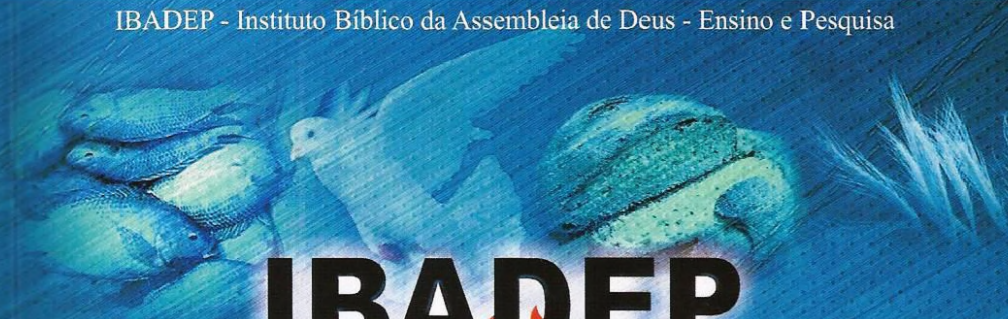
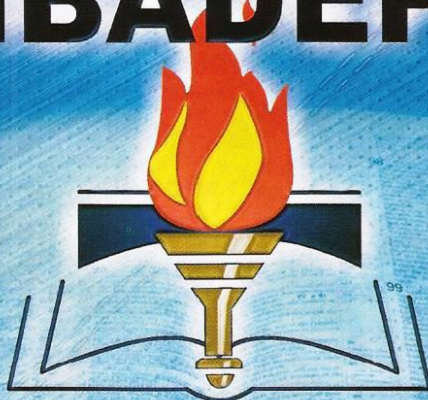


CURSO DE **TEOLOGIA**

IBADEP - Instituto Bíblico da Assembleia de Deus - Ensino e Pesquisa



IBADEP



TEOLOGIA



LIVROS POÉTICOS

BÍBLIA

Edição 2012

IBADEP Instituto Bíblico da Assembléia de Deus –
Ensino e pesquisa

IBADEP - Instituto Bíblico da Assembléia de Deus –
Ensino e Pesquisa
Av. Brasil, S/Nº - Eletrosul - Cx. Postal 248
85980-000 - Guaíra - PR
Fone/Fax: (44) 3642-2581 / 3642-6961 / 3642-5431
E-mail: ibadep@ibadep.com
Site: www.ibadep.com

^ríndice

Lição 1:	O Livro de Jó	15
Lição 2:	O Livro de Salmos	39
Lição 3:	O Livro de Provérbios	63
Lição 4:	O Livro de Eclesiastes	87
Lição 5:	O Livro de Cantares de Salomão	113
Referências Bibliográficas		139

Lição 1

O Livro de Jó

JÓ	Autor: Incerto. Talvez Moisés ou Salomão.
	Data: Não especificada (do século V ao II a. C).
	Tema: O sofrimento do piedoso e a Soberania de Deus.
	Palavras-Chave: Pecado e justiça.
	Versículo-Chave: Jó 1.21-22.

Jó é um dos livros sapienciais¹ e poéticos do Antigo Testamento, “*sapiencial*”, porque trata profundamente de relevantes assuntos universais da humanidade; “*poético*”, porque a quase totalidade do livro está elaborada em estilo poético. Sua poesia, todavia, tem por base um personagem histórico e real (Ez 14.14,20) e um evento histórico real (Tg 5.11).

- ✓ Jó é citado em Ezequiel 14 e Tiago 5;
- ✓ A doença dele pode ter sido elefantíase;
- ✓ O Senhor deu-lhe o dobro, a família e a prosperidade lhe foram restaurados, vendo quatro gerações de descendentes.

Através das experiências de Jó, estaremos enfocando a problemática do sofrimento do justo. Trata-se de um tema aparentemente difícil em decorrência de suas implicações teológicas e

¹ Sabedoria divina.

filosóficas. No entanto, haveremos de constatar que o crente fiel, até mesmo no cadinho¹ da provação, reúne forças para regozijar-se em Deus.

No ardor de sua angústia, professa Jó: *“Porque eu sei que o meu Redentor vive, e que por fim se levantará sobre a terra”* (Jó 19.25).

Tema

Transcendendo o drama humano, centra-se o Livro de Jó nesta pergunta: *“Por que sofre o justo?”*.

Que o pecador sofra, todos entendemos! Mas o justo? Aquele que tudo faz por agradar a Deus? Sidlow Baxter, diante dessa incômoda temática, afirmou: *“Atrás de todo o sofrimento do homem piedoso está um alto problema de Deus, e atrás de tudo isso está, subseqüentemente, uma inefável² e gloriosa experiência”*.

Se a princípio é indesejável a experiência do sofrimento, o seu propósito, de acordo com a vontade de Deus, é sempre sublime. Foi o que experimentou o salmista: *“Foi-me bom ter sido afligido, para que aprendesse os teus estatutos”* (SI 119.71).

William W. Orr resume assim o assunto central de Jó: *“Satanás acusou Deus de não ser correto na sua maneira de tratar o homem”*. Para justificar-se, Deus permitiu que Satanás afligisse esse “abastado homem do Oriente”.

Gleason L. Archer Jr. faz uma interessante análise do tema de Jó: Este livro trata com o problema

¹ Fig. Lugar onde as coisas se misturam, se fundem. Crisol.

² Que não se pode exprimir por palavras; indizível. Fig. Encantador, inebriante.

³ Cheio de víveres, do necessário. Endinheirado, dinheiroso, rico, abastoso.

teórico da dor na vida dos fiéis. Procura responder à pergunta: Por que os justos sofrem? Esta resposta chega de forma tríplice:

1. Deus merece nosso amor à parte das bênçãos que concede;
2. Deus pode permitir o sofrimento como meio de purificar e fortalecer a alma em piedade;
3. Os pensamentos e os caminhos de Deus são movidos por considerações vastas demais para a mente fraca do homem compreender, já que o homem não pode ver os grandes assuntos da vida com a mesma visão ampla do onipotente.

Mesmo assim, Deus realmente sabe o que é o melhor para sua própria glória e para nosso bem final. Esta resposta é dada em contraste aos conceitos limitados dos três consoladores de Jó: **Elifaz, Bildade e Zofar**.

Escreve Henry Hampton Halley: *“Ao lermos o livro de Jó do começo ao fim, devemos nos lembrar de que Jó nunca soube por que sofria - nem qual seria o desfecho. Os dois primeiros capítulos de Jó nos explicam por que isso aconteceu e deixam claro que a causa de seus sofrimentos não era algum castigo por pecados, mas, sim, a provação de sua fé — Deus tinha plena confiança de que Jó seria aprovado. Entretanto, embora nós, leitores do livro de Jó, saibamos desse desfecho, o próprio Jó nada sabia”*.

Se Jó não sabia a razão de todo o seu sofrimento, aceitava-o de forma resignada. Todavia, entre o aceitar e o compreender vai todo um abismo de interrogações.

Pela fé aceitamos; nem sempre, porém, compreendemos. Foi o que o Senhor disse a Pedro na cerimônia do lava-pés: *“O que eu faço, não o sabes tu,*

agora, mas tu o saberás depois” (Jo 13.7). Enfim, Jó não compreendia por que estava sofrendo, mas Deus sabia por que ele teria de sofrer. Será que Jó tinha ciência da importância de seu sofrimento na história da salvação?

Depois de destacar o argumento do livro de Jó, ressalta Warren W. Wiersbe que Deus usou o sofrimento do patriarca para derrotar o Diabo. Aduz¹ o pastor Wiersbe que os servos de Deus, quais intrépidos² soldados, acham-se em pleno campo de batalha. As vezes, porém, o campo de batalha acha-se dentro de nós mesmos.

O enredo de Jó não se resume ao problema do sofrimento humano; sua temática é transcendente; busca saber por que alguém como o patriarca é submetido a uma provação tão grande e inumana³.

O Autor

A autoria de Jó é incerta. Alguns eruditos atribuem o livro a Moisés. Outros o atribuem a um dos antigos sábios, cujos escritos podem ser encontrados em Provérbios ou Eclesiastes. Talvez o próprio Salomão tenha sido o seu autor. Possivelmente Eliú (Jó 32.17) ou o próprio Jó.

F. B. Meyer diz: *“(9 autor é desconhecido. O livro é singular no cânon pelo fato de não ter nenhuma conexão com o povo de Israel nem com suas instituições. A explicação mais natural para isso é que seus eventos são anteriores à história de Israel*

Quanto à autoria do livro de Jó, vejamos algumas hipóteses.

¹ Trazer, apresentar (razões, provas, testemunhos, etc).

² Que não tem medo; destemido, firme.

³ Alheio ao sentimento de humanidade. Desumano; cruel, atroz.

♦ *A hipótese da autoria mosaica.*

Algumas versões da Bíblia encimavam¹ o livro de Jó com uma informação, sugerindo que fosse Moisés o seu provável autor. No entanto, que evidências encontramos na referida obra que nos remetam ao grande legislador dos hebreus?

Segundo esta teoria, Moisés, durante o seu exílio de quarenta anos em Midiã teria entrado em contato com diversos sábios gentios que, mantendo-se incólumes² à idolatria que, pouco a pouco, ia destruindo o tecido moral e espiritual daquela região, ainda eram capazes de citar oralmente o longo poema de Jó. Mas, como não dominavam a arte da escrita, a história corria o risco de vir a contaminar-se com elementos da cultura e da religião local, até que se descaracterizasse por completo.

De acordo com esta hipótese, Deus inspira Moisés a registrar a história de Jó por escrito, a fim de integralmente preservá-la. Como fazê-lo? O Senhor inspira-o a criar o alfabeto a partir dos ideogramas egípcios. Mais tarde, o alfabeto hebraico seria assimilado pelos fenícios que, em suas várias incursões, transmitem-no aos gregos, e estes aos romanos.

Até que ponto esta teoria é confiável? Desconhecemos qualquer evidência, quer interna ou externa, que a corrobore³.

O abalizado erudito Jacques Bolduc, num trabalho publicado em 1637, sugere que a participação de Moisés, no livro de Jó, limitou-se à tradução. Havendo ele encontrado no deserto de Midiã, em um

¹ Colocar em cima de. Estar situado acima de. Ser o remate de.

² Livre de perigo; são e salvo; intato, ileso. Bem conservado.

³ Confirme, comprove.

arameu já bastante arcaico, pôs-se a traduzi-lo para o hebraico. E, assim, de forma providencial, inaugurou Jó o cânon do Antigo Testamento, antecedendo ao próprio Gênesis.

♦ *A hipótese da autoria de Jó.*

Embora vivesse o patriarca numa época bastante recuada, talvez há mais de cinco mil anos, não lhe era desconhecida nem a arte nem o ofício de escrever.

Num momento de lancinante¹ dor, exclama: “*Quem me dera, agora, que as minhas palavras se escrevessem! Quem me dera que se gravassem num livro! E que, com pena de ferro e com chumbo, para sempre fossem esculpidas na rocha*” (Jó 19.23,24).

Não podemos inferir destas passagens que fosse Jó um escritor. O que ele demanda é que, naquele momento, houvesse um escriba que, eficientemente, lhe registrasse toda aquela discussão, a fim de que suas razões viessem a público.

Mais adiante, já esgotados seus argumentos, refere-se ele novamente ao ofício da escrita: “*Ah! Quem me dera um que me ouvisse! Eis que o meu intento é que o Todo-Poderoso me responda e que o meu adversário escreva um livro*” (Jó 31.35).

Seja-nos permitido concluir que, naquele recuadíssimo tempo, eram os discursos artisticamente gravados em lâminas de argila que, endurecidas ao sol, perenizavam as filosofias e máximas daqueles sábios. Outrossim, depreendemos que algumas declarações, em virtude de sua relevância teológica, filosófica e histórica, eram esculpidas com ponteiros de ferro nas rochas, para que todos pudessem lê-las.

¹ Que lancina ou golpeia. Muito doloroso; pungente, aflitivo.

Naquelas tertúlias¹, havia sempre um estenógrafo² que, à semelhança dos jornalistas atuais, tudo registrava.

Embora revelem tais passagens o modo como os antigos escreviam, não nos indicam elas que fosse Jó um escriba, nem que haja ele composto o livro que lhe leva o nome.

♦ *A hipótese da autoria de Eliú.*

Mencionar a hipótese de ter sido Eliú o autor do livro de Jó, também é válido.

Apesar de não o declarar o texto sagrado, temos neste jovem teólogo todos os elementos de um excelente escritor: amplo e correto conhecimento de Deus, singular cultura geral, expressão verbal incomum e inspirada paixão ao discursar. Levemos conta também sua concentração. Ouviu atentamente a todos os discursos, e depois, chegada a sua hora de falar, rebateu-os de maneira enérgica e mui consentânea.

Consideremos, ainda, haver sido Eliú o único personagem do livro de Jó, de quem temos uma genealogia básica. Declina-lhe o texto sagrado o nome do pai e do avô: Eliú, o de Baraquel, o buzita, da família de Rão (Jó 32.2). Simples coincidência? Ou quis o jovem escritor assinar a obra de maneira modestamente sutil e delicada?

Lembre-mo-nos de que há outros livros nas Sagradas Escrituras, nos quais a rubrica de seus autores aparece de forma bastante sub-reptícia³. Haja visto os

¹ Assembléia literária.

² Indivíduo versado em estenografia; taquígrafo, logógrafo. Estenografia: Escrita abreviada e simplificada, na qual se empregam sinais que permitem escrever com a mesma rapidez com que se fala; taquigrafia, logografia.

³ Obtido por meio de sub-repção, ilicitamente; fraudulento. Feito às ocultas; furtivo.

Atos dos Apóstolos. Aqui, só conseguimos identificar o médico amado através daquelas seções que passariam à história como “nós”.

E os Evangelhos? Em Mateus, temos a assinatura de Levi? Ou em Marcos a firma do primo de Barnabé? Ou em Lucas algum sinal daquele tão solícito, companheiro de Paulo?

Se Eliú não é o autor de Jó, sua biografia foi preservada de maneira altruística pelo escritor sagrado; e, caso tenha sido ele o estenógrafo que a tudo registrou, temos alguém que, corajosamente, compôs o livro, atestando-lhe a procedência divina.

De igual modo atentemos para o fato de ter sido Eliú o único a não sofrer qualquer reprimenda do Todo-Poderoso. Isto não significa, porém, que, como autor, haja ele buscado preservar a própria imagem. Mas, reunindo tantas qualidades espirituais e tantos predicados intelectuais e artísticos, seria o instrumento perfeito para lavrar o diálogo que, até hoje, não foi superado por nenhum literato.

Não seria de todo descabido estabelecer um paralelo entre o livro de Jó e os diálogos de Platão. Quem escreveu aquelas longas discussões, onde Sócrates expunha toda a sua filosofia, esforçando-se por levar seus ouvintes a descobrir o real significado da verdade? Tradicionalmente, a autoria de tais diálogos é atribuída a Platão. Entretanto, quase não se nota a presença deste naquelas tertúlias.

Não acontece o mesmo no livro de Jó? Aliás, o gênero literário dos diálogos não nasceu com os gregos; tem a sua origem naqueles rincões¹ orientais, onde os sábios reuniam-se para tentar resolver os problemas da vida.

¹ Lugar retirado ou oculto; recanto.

Que evidências possuímos para corroborar a hipótese de ter sido Eliú o autor do livro de Jó? Todavia, ajuda-nos ela a centrar nossa atenção naquele jovem que, se não foi o autor da obra, soube conduzir a questão de tal forma que o Senhor Deus, utilizando-se de seu discurso como introdução, argüiu¹ ao patriarca o verdadeiro significado do sofrimento do justo.

♦ *Nenhuma dessas hipóteses?*

Há os que dizem ter sido o livro de Jó escrito por Salomão. Pois somente o sábio rei de Israel teria condições de reunir tanto engenho e arte para compor semelhante poema. Outros alegam que a obra foi escrita no período inter-bíblico por um daqueles escritores que não faziam questão de se esconder no anonimato nem de usar o nome de algum personagem de primeira grandeza do passado.

Ora, como pôde o Senhor esconder, no anonimato, o maior dos poetas? Era também sua intenção submeter o escritor à prova da humildade? Deus tem razões que a razão humana desconhece.

Data

Há três diferentes pontos de vista sobre a data da escrita deste livro. Talvez tenha sido escrito:

- *Durante a era patriarcal (cerca 2000 a. C.). Pouco depois da ocorrência dos eventos citados, e talvez pelo próprio Jó;*
- *Durante o reinado de Salomão ou pouco depois (cerca 950 - 900 a.C.). Pelo fato de o estilo literário do livro assemelhar-se ao da literatura sapiencial daquele período;*

¹ Examinar, questionando ou interrogando.

- *Durante o exílio de Judá (cerca 586-538 a.C.). Quando, então, o povo de Deus procurava entender teologicamente o significado da sua calamidade (cf. SI 137). Se não foi o próprio Jó, o escritor deve ter obtido informações detalhadas, escritas ou orais, oriundas daqueles dias, as quais ele utilizou sob o impulso da inspiração divina para escrever o livro na feição em que o temos. Partes do livro vieram evidentemente da revelação direta de Deus (Jó 1.6-10).*

À semelhança da questão anterior, não podemos estabelecer a época precisa da composição do livro de Jó. Começemos, pois, pelas mais improváveis.

- **Período inter-bíblico.**

Pela antigüidade do livro, não acreditamos ter sido este um produto da chamada era inter-bíblica. Isto porque, o hebraico desse período já não tinha o mesmo grau de pureza e de esplendor que encontramos no referido livro. Além disso, Ezequiel, que profetizara por volta do século VI a.C., menciona a obra que, infere-se, já era bastante conhecida em seu tempo (Ez 14.20).

- **Período de Salomão.**

Tendo em vista a qualidade do hebraico usado neste período, não são poucos os eruditos que defendem a hipótese de não somente ter sido Jó escrito nessa época, como a possibilidade de este ter a Salomão como autor. Caso o livro de Jó haja sido escrito no período de Salomão, sua data de composição pode ser situada entre o 10º e o 9º século. Esta foi a época áurea¹ da língua hebraica.

¹ Fig. Brilhante, magnífico; de grande esplendor.

▪ **Período mosaico.**

Não vai longe o tempo em que havia quase que uma indiscutível unanimidade não somente quanto à autoria do livro de Jó, como também respeitante à data de sua composição. Ora, sendo Moisés o seu autor, a obra foi composta por volta do século XV antes de Cristo. Foi a época de formação da língua hebraica que, adotando o alfabeto, tornou-se um dos idiomas mais perfeitos de todos os tempos.

▪ **Período de Jó.**

Finalmente, se o livro de Jó foi composto por Eliú, podemos situar a época de sua composição por volta do século XXV a.C. Nesse período, a escrita já era uma ciência bastante conhecida. Aceita esta hipótese, duas conclusões podem ser tiradas:

- ✓ Jó não foi escrito em hebraico, mas num idioma pertencente ao mesmo tronco lingüístico;
- ✓ Na sua composição, o autor sagrado certamente não usou o sistema alfabético, e sim ideogramas emprestados do Egito.

Encontrando a obra em Midiã, o exilado Moisés atualizou-a, traduzindo-a para o hebraico.

Excetuando a primeira hipótese, as outras poderiam ser acolhidas sem qualquer prejuízo à qualidade inspirativa da obra. Isto porque, encerrado o cânon hebraico com Malaquias, no século V a.C., não mais se admitiu a inclusão de qualquer outro livro no Antigo Testamento como divinamente inspirado.

Questionário

- Assinale com “X” as alternativas corretas

1. *É o* tema do livro de Jó

- a) Comunhão com Deus em oração e louvor
- b) O sofrimento do piedoso e a Soberania de Deus
- c) A busca por algo de verdadeiro valor nesta vida
- d) O Sabedoria para um viver justo

2. Quanto à autoria do livro de Jó é incerto afirmar que

- a) Alguns eruditos atribuem o livro a Moisés
- b) Talvez o próprio Salomão tenha sido o seu autor
- c) Possivelmente Eliú ou o próprio Jó tenha escrito o livro
- d) A autoria de Jó é atribuído á Esdras

3. Não é um diferente ponto de vista sobre a data da escrita do livro de Jó

- a) Período mosaico
- b) Período de Salomão
- c) Período pós-exílico
- d) Período de inter-bíblico

- Marque “C” para Certo e “E” para Errado

4. Jó é um dos livros sapienciais e poéticos do AT, “sapiencial”, porque trata profundamente relevantes assuntos universais da humanidade; “poético”, porque a quase totalidade do livro está elaborada em estilo poético

5. Transcendendo o drama humano, centra-se o Livro de Jó nesta pergunta: “Por que sofre o justo?”

A Origem Divina

Não obstante as excelências estilísticas do poema, atentemos para o fato de que não estamos diante apenas de uma obra-prima da literatura universal, mas de um livro originado no coração do próprio Deus. Vejamos por que Jó é de procedência divina.

⇒ *Jó é de origem divina por causa de seu singular enlevo espiritual.*

Sentimos ser o livro de Jó de origem divina não somente por causa de sua antigüidade, mas principalmente em virtude da edificação que proporciona aos seus leitores. Quem suportaria ler Homero, Hesíodo, Virgílio e Camões por mais de cinquenta vezes com o mesmo embevecimento ¹? No entanto, o livro de Jó oferece-nos, a cada manhã, um singular enlevo espiritual.

Atentemos para a afirmação de Carlyle: “*Eu classifico esse livro... como uma das maiores obras já escritas com a pena*”.

“*Dá a impressão de que não é hebreu - nele reina uma universalidade tão grandiosa, bem diferente de um ignóbil² patriotismo ou sectarismo*”.

“*Um livro nobre, o livro de todos os homens! É a nossa primeira e mais antiga declaração acerca do infundável problema - o destino do homem e os procedimentos de Deus com ele aqui nesta terra. E tudo é feito em síntese tão livre e tão fluente; é tão grandioso em sua sinceridade e simplicidade... Sublime tristeza, sublime reconciliação; a mais antiga melodia*

¹ Causar enlevo, êxtase, a.

² Que não tem nobreza; baixo, desprezível, vil, abjeto.

coral, como que entoada pelo coração da humanidade; tão suave e tão grande; como a meia-noite do verão, como o mundo com seus mares e estrelas! Não há nada escrito, penso eu, na Bíblia ou fora dela, de igual mérito literário”.

William W. Orr, que se destacou como teólogo de grande piedade, afirmou que o livro de Jó instiga-nos a analisar os grandes temas da vida espiritual. Acrescenta Orr: *“De todos os livros da Bíblia, contém a maior concentração de teologia natural, das obras de Deus na natureza”.*

⇒A canonicidade do livro de Jó.

A inserção de Jó no cânon sagrado jamais foi questionada. Não fora sua origem divina, ter-se-ia perdido facilmente como o foram muitas obras primas da antigüidade. No entanto, o Senhor conduziu os acontecimentos de tal forma que, preservando-o, consola-nos hoje através do drama de seu virtuosíssimo servo.

A Excelência Literária

Ressaltando a beleza literária de Jó, escreve Michael D. Guinan que este, além de haver sido escrito numa poesia mui elevada, está repleto de expressões ricas e variadas. Acrescenta-se ainda, destaca Guinan, que nesta porção sagrada *“há palavras raras e palavras encontradas uma única vez na Bíblia”.*

Alguns hermeneutas chegaram a sugerir que o autor do livro de Jó viu-se obrigado a criar diversos vocábulos para expressar todo o drama vivido pelo patriarca. E não poucos estudiosos tiveram de recorrer a outras línguas semitas, como o aramaico, o árabe e o ugarítico, a fim de entender-lhe devidamente as expressões.

Gênero literário.

Jó é um poema cujo prólogo é desenvolvido numa prosa vivida e envolvente, e cujo epílogo é também composto em ritmo prosaico. Não falta poesia, contudo, nem ao prólogo nem ao epílogo.

A obra toda segue o modelo semítico caracterizado por antíteses, paralelismos, metáforas e outras riquíssimas figuras de retórica. Foi por isso que Tenysson asseverou ser o livro de Jó o maior poema já escrito. Se nos detivermos apenas nas excelências literárias de Jó, poderemos vir a deixar de lado seus ensinamentos espirituais, teológicos e morais; o poema é, de fato, celestialmente único e divinamente inimitável.

Poesia e história.

Apesar de seu gênero literário, não podemos ignorar: *Jó é um poema histórico, e nele nada foi hiperbolizado.*

O autor sagrado foi exato em sua descrição, fiel em seu registro e leal ao relato que testemunhara. Se houve mitos em Homero; se, fantasias em Virgílio; se, exageros e devaneios em Camões; se todos esses poetas, posto que poetas, distorceram a realidade para valorizar uma rima, para tornar perfeita uma métrica e para fazer sonhável uma realidade, o autor sagrado manteve-se escravo daquilo que presenciara; em sua servidão à prosa, contudo, não pôde evitar a mais perfeita poesia.

A Estrutura do Livro

A estrutura de Jó segue um esquema lógico e literariamente perfeito. O livro foi escrito tendo em vista o seguinte esquema:

- X **Prólogo.** Composto numa prosa cristalina e vivida sintetiza a existência de Jó antes de seu sofrimento, e as dúvidas que Satanás levantara diante do Senhor acerca de seu caráter.
- X **Diálogo.** Numa série de três diálogos, Jó discute com seus amigos acerca do tema principal da obra: o sofrimento do justo.
- X **Monólogos.** Dois são os monólogos do livro: o de Eliú que, com autoridade, repreende o patriarca, afirmando-lhe que Deus tem o inquestionável direito de provar os seus servos, a fim de que estes alcancem à perfeição. E, finalmente, o monólogo de Deus que, de forma indutiva, leva Jó a compreender e a aceitar as reivindicações divinas quanto à provação do justo.
- X **Epílogo.** Também composto em prosa, narra a restauração completa de Jó. Espiritual e materialmente torna-se o patriarca um homem muito melhor. Se antes era perfeito no caráter, agora se torna um padrão a ser imitado por todos os servos de Deus.

Quem Era Jó

Jó foi considerado pelo próprio Deus como um dos três homens mais piedosos de todos os tempos (Ez 14.14). Não é sem razão que, em hebraico, encerre o seu nome um significado tão amoroso: *voltado para Deus*!

➤ *A historicidade de Jó.*

Dois autores sagrados comprovam-lhe a historicidade: Ezequiel e Tiago (Ez 14.20; Tg 5.11).

Laboram em grave erro, portanto, os teólogos liberais¹ que dizem não passar o patriarca de uma mera ficção literária. As evidências bíblicas e históricas atestam ter existido, de fato, o homem que se tornou conhecido, universalmente, como o mais perfeito sinônimo de paciência.

Além das passagens supracitadas, que afixam o fato de ser Jó um personagem histórico e real, tem o testemunho do próprio Deus. Testemunho este, aliás, dado em primeira mão a Satanás (Jó 1.8). Por outro lado, não podemos confundir os personagens do livro de Jó com os homônimos que aparecem em algumas genealogias bíblicas. Há também os que supõem ter sido Jó procedente da tribo de Issacar (Gn 46.13).

⇒ *Sua terra natal.*

Localizada no Norte da Arábia, a terra de Uz ficava na confluência de várias rotas importantes. E isso facilitou tanto as incursões dos sabeus e caldeus às propriedades de Jó, como o rápido deslocamento de seus amigos quando *“combinaram ir juntamente condoer-se dele e consolá-lo”* (Jó 2.11).

Embora proviessem Zofar, Bildade e Elifaz de diferentes lugares, não tiveram dificuldades em chegar a Uz.

⇒ *A época em que viveu.*

Jó viveu num tempo em que a longevidade humana era ainda prevalecente. Depois de todas as suas

¹ Signatários do movimento iniciado nos Estados Unidos e Europa, no final do século XIX, cujo objetivo essencial era extirpar da Bíblia todo elemento sobrenatural, submetendo as Escrituras a uma crítica científica e humanista. Via de regra, questionam e subestimam os milagres, as profecias e a divindade de Jesus.

tribulações, teve o patriarca uma sobrevida de 140 anos (Jó 42.16). Infere-se, pois, haja sido de aproximadamente 200 anos a sua idade ao falecer.

Como o livro não faz qualquer menção aos pais da nação israelita nem à destruição de Sodoma e Gomorra, entende-se então que Jó tenha vivido numa época anterior à do patriarca Abraão, entre os séculos XXV a XXIII antes de Cristo. Por conseguinte, Jó nasceu depois do dilúvio, do qual faz referência (Jó 22.16), e antes dos primeiros ancestrais do povo judeu.

⇒ *A teologia de Jó.*

A teologia de Jó é de uma singular e impressionante sublimidade. O patriarca acreditava firmemente em:

- O Deus Único e Verdadeiro a quem, por 31 vezes, chama de Todo-Poderoso (Jó 5.17).
- A soberania divina (Jó 1.21; 42.2).
- O glorioso advento do Cristo: “Porque eu sei que o meu Redentor vive, e que por fim se levantará sobre a terra” (Jó 19.25).
- Justificação¹ pela fé. Este postulado acha-se implícito na pergunta: “Como se justificaria o homem para com Deus?” (Jó 9.2).

Profundamente reflexivo, Jó foi um teólogo de raríssimos pendores; buscava sempre se aprofundar no conhecimento divino. O seu livro traz ensinamentos dos mais profundos sobre a vida cristã em geral.

¹ Estado, por meio do qual o homem passa do pecado ao estado de graça, tornando-se digno da vida eterna. Neste processo judicial, o pecador arrependido é declarado justo pelo Senhor Jesus Cristo (Rm 8.1).

A Prosperidade de Jó

Certa feita, afirmou o Senhor Jesus ser mais fácil a um camelo passar pelo buraco de uma agulha do que um rico entrar no Reino dos Céus (Mt 19.24). Por este orifício, contudo, passou Jó com todos os seus rebanhos, manadas e cáfilas¹; sua confiança não se encontrava nos bens materiais; centrava-se no Deus que criou tanto o material quanto o imaterial (Jó 31.28).

O patriarca desfrutava ainda de um status digno de um príncipe. Não obstante, perseverava em sua integridade; jamais se deixou seduzir pela riqueza, fama e poder; era um homem comprovadamente fiel a Deus.

⇒ *Sua proverbial riqueza.*

Assim a Bíblia relaciona as riquezas de Jó: “*E era o seu gado sete mil ovelhas, e três mil camelos, e quinhentas juntas de bois, e quinhentas jumentas; era também muitíssima a gente ao seu serviço, de maneira que este homem era maior do que todos os do Oriente*” (Jó 1.3).

⇒ *Seu status social.*

O ilibado² caráter de Jó, aliado à sua proverbial riqueza, guindaram-no a uma alta posição social. Embora não fosse rei, era ele tratado como nobre (Jó 29.8). Seu elevado padrão de vida espiritual era conhecido em toda aquela região.

¹ Grande quantidade de camelos que transportam mercadorias.

² Não tocado; sem mancha; puro, incorrupto.

O Testemunho de Deus a Respeito de Jó

Jó certamente não era perfeito. Deus, porém, via-o como o mais singular dos mortais: “*Ninguém há na terra semelhante a ele*” (Jó 1.8). A quem presta o Senhor semelhante testemunho? Ao adversário que tudo faz por caluniar-nos e nos comprometer a reputação (Ap 12.10).

O depoimento divino, contudo, é incontestável. Se Deus é por nós, quem será contra nós (Rm 8.31). Jó tinha um caráter notabilíssimo; sobressaía entre todos os seus contemporâneos. Jó era um homem:

- X **Sincero.** Este é o significado etimológico da palavra sincero: *sem cera*. Remete-nos este vocábulo à Antiga Roma, onde os atores entravam em cena trazendo máscaras de cera. O homem sincero, por conseguinte, não é dissimulado nem vive a representar algo que não é. Jó não era um mero ator; era um autêntico homem de Deus (ITm 6.11);
- X **Reto.** Era o patriarca, um homem justo, imparcial e direito. Não se deixava comprar pelos poderosos, nem se vendia aos ricos. Sua justiça era notória tanto diante de Deus quanto diante dos homens (Gn 6.9).
- X **Temente a Deus.** A sinceridade e a retidão de Jó advinham do fato de ele temer ao Senhor. Não somente acreditava na existência de Deus, como tremia ante a sua verdade e santidade. Sabia o patriarca estar o Todo-Poderoso atento a todas as ações dos filhos de Adão (Ne 7.2).

- a **Que se desvia do mal.** Jó não se limitava a fugir do pecado; fugia da tentação, pois esta induz o homem à iniquidade e à morte (Tg 1.13,14). Embora não houvesse ainda qualquer mandamento escrito, tinha o patriarca em seu coração as leis, os mandamentos e os estatutos do Senhor (Rm 2.14).

Um Pai de Família Exemplar

Jó era um homem que se preocupava com o bem-estar espiritual de seu lar. Todas as vezes que seus filhos reuniam-se para se banquetear, levantava-se ele, de madrugada, para interceder e fazer sacrifícios por eles diante de Deus.

Temia que seus sete filhos e três filhas, seduzidos já pelo vinho, ou já embaídos pela euforia dos festins, viessem a blasfemar do Todo-Poderoso (Jó 1.5).

Ensinaamentos Notáveis

A história de Jó nos traz mensagens distintas sobre as necessidades e as expectativas do homem pecaminoso. Tais necessidades e inquirições¹ são relatadas como sendo impossíveis de serem atendidas até que Jesus viesse para preencher cada necessidade e responder a cada expectativa do coração do homem.

- ✓ Há um clamor por um mediador, alguém que ponha a mão sobre nós.
- ✓ Há um anseio por luz sobre o futuro - *“Morrendo o homem, porventura tornará a viver?”*.

¹ Inquérito; averiguação, indagação.

- ✓ Havia a necessidade de alguém para defender a sua causa. Deus tem de agir - a provisão está em Cristo. *“Porque ele não é homem, como eu, a quem eu responda”*.
- ✓ Há a necessidade de um redentor ou vindicador . *“Porque eu sei que meu Redentor (vindicador) vive”*.
- ✓ Devemos ter um juiz, alguém diante de quem nosso vindicador possa ir e defender a nossa causa.
- ✓ Devemos ter um livro de acusações para mostrar a culpa que está em nós. A Bíblia é o que Deus escreveu.
- ✓ Há a necessidade de uma visão de Deus que nos dê um senso da justiça de Deus e do valor humano, levando-nos ao arrependimento.

Vê-se Deus eminente e minuciosamente a par do caráter íntimo, bem como dos acontecimentos exteriores na vida de um homem. Faz elogios rasgados à integridade deste homem (Jó 1.8); por sua vez, parece que a constante prática de Jó era um oferecimento de sacrifícios contínuos a Deus, tanto por si como por sua família (cf. 1Jo 1.7-9).

A resposta que a vitória da sua paciência nos dá, é uma justificação mais do que suficiente da honorabilidade² de Deus. Jó adorou mesmo sob extrema adversidade.

Um grande problema da humanidade, a causa dos sofrimentos humanos, é em grande parte deixado sem resposta. Por quê? Porque nem sempre é possível dar a resposta.

¹ Reclamar ou exigir, em juízo, a restituição de; reivindicar; reclamar.

² Merecimento, benemerência.

Questionário

- Assinale com “X” as alternativas corretas

6. A estrutura do livro de Jó é formada por:
 - a) Prólogo; diálogo; monólogos e epílogo
 - b) Poemas acrósticos; decálogo e doxologia
 - c) Prólogo; doxologia; epílogo e diálogo
 - d) Poemas acrósticos; monólogos e decálogo
7. Os dois autores sagrados que comprovam a historicidade do livro de Jó são:
 - a) Jeremias e Pedro
 - b) Isaías e Judas
 - c) Ezequiel e Tiago
 - d) Daniel e João
8. Não faz parte da teologia de Jó
 - a) O Deus Único e Verdadeiro
 - b) A soberania divina
 - c) O glorioso advento do Cristo
 - d) Justificação pelas obras

- Marque “C” para Certo e “E” para Errado

9. Jó certamente era perfeito. Deus via-o como o mais singular dos mortais: *“Ninguém há na terra semelhante a ele”*
10. Jó era um homem que não se preocupava com o bem-estar espiritual de seu lar, pois, seus filhos eram seduzidos pelo vinho e festins

Lição 2

O Livro de Salmos

Salmos	Autores: Davi. Asafe. filhos de Coré e outros
	Data: 100-300 a.C.
	Tema: Comunhão com Deus em oração e louvor
	Palavras-Chave: Júbilo, misericórdia (amor e benignidade), louvor inimigos, senhor e justiça.
	Versículo-Chave: SI 23.

O constante encanto e atualidade dos Salmos são devidos, principalmente, à intensidade espiritual. Os salmistas são unânimes em adorar a Deus, seja qual for o modo, motivo ou variedade de circunstâncias.

Cada um destes hinos, cada uma destas orações, é uma expressão ou um eco de uma vivida relação pessoal com Ele. Foi incorporada nestes poemas uma qualidade dinâmica de vida. Por detrás das palavras existe uma experiência profunda e, para além da experiência, encontra-se uma manifestação de Deus. Cada salmo torna-se assim um sorvo¹ da própria fonte da vida.

Há três temas principais deslizando através do Saltério².

¹ Ato ou efeito de sorver; sorvedura. Trago, gole, golo.

² Designação que os setentas (tradutores do Antigo Testamento em grego) deram aos Salmos.

- ✓ (1º) Um encontro pessoal com Deus, envolvendo o princípio da Sua existência real.
- ✓ (2º) A importância da ordem natural das coisas, envolvendo o princípio do poder criador, universal e sábio de Deus.
- ✓ (3º) Um conhecimento consciente da história, envolvendo o princípio da escolha Divina de Israel para desempenhar um papel especial e benevolente entre os homens (cfr. SI 48; 74; 78; 81; 105; 106 e 114).

O nome hebraico do livro é *Tehillim*, que significa “Cânticos de Louvor”. Embora se manifeste, em certas ocasiões um sentimento de confusão por causa de alguma injustiça temporal (como em SI 37 e 73), há uma expressão dominante de esperança, não só no conceito messiânico de uma única manifestação futura de Deus ao homem, mas também na realidade e na eficácia do perdão divino do pecado (ver, por exemplo, SI 25; 51 e 70).

Há também um sentido profundo do caráter objetivo da religião. Os salmistas tratam mais com Deus do que com os homens, e lançam-se, para alcançá-lo, num abandono de si próprios. Deus é conhecido como universal (SI 65; 67), supremo na natureza (SI 29) e na história (SI 78), constante (SI 102) e, acima de tudo, fiel, pessoal, gracioso, ativo e adorado (SI 139).

Os Autores

Somando 150, os Salmos foram escritos por:

- **Davi**. Segundo os títulos, escreveu 73 deles, era o espírito bravo, corajoso, mas, sobretudo devotado a Deus. Gostava de cantar e tocar instrumentos, cantando para Deus, pelo Espírito de Deus;

- **Asafe**. Um vidente (2Cr 29.30); autor de 12 salmos, foi posto sobre serviço de canto na casa de Deus (Ne 12.46; 1Cr 6:32,39);
- **Salomão**. Recebeu de Deus a maior riqueza e o maior grau de sabedoria de todos os tempos; escreveu dois salmos, o 72 e o 127;
- **Moisés**. Autor do Salmo 90. Além disso, há também o seu “último cântico” que é registrado em Deuteronômio capítulo 32;
- **Hemã**. Filho de Joel e neto de Samuel; era profeta e cantor-regente de um misto coral e orquestra o qual participava seus 14 filhos e 3 filhas (1Cr 25.5,6), além de outros cantores e instrumentistas (1Cr 6.33 e 15.19); escreveu o Salmo 88;
- **Etã**. Um dos compositores do coral-orquestra de Hemã, que tocava instrumentos de metal (1Cr 15.19); era filho de Zima e neto de Simei, aquele que amaldiçoou Davi em Baurim (2Sm 16.5; 1Rs 2.8-44). Escreveu o Salmo 89;
- **Esdras**. A ele se atribuiu a autoria de salmos que alguns autores dão como anônimos;
- **Ezequias**. Rei de Judá, filho de Acáz (2Cr 28.27; 29.30); é tido como um dos autores dos Salmos;
- **Os filhos de Coré**. Coré era descendente de Levi (Nm 16.1,2) e intentou uma rebelião contra Moisés. Os filhos de Coré continuaram a serviço de Deus e se tornaram guias de adoração em Israel, formando um grupo de cantores no templo, cujas músicas eles próprios escreviam. A eles se atribuiu a feitura de 11 salmos: 42 e seguintes;
- **Jedutum**. Cantor-mor do tabernáculo (1Cr 25.1); era um dos profetas que Davi separou para o ministério de louvor, juntamente com Asafe, Hemã e outros (1Cr 25.5).

Muitos salmos são de fonte desconhecida. Os estudiosos judeus os chamam de “salmos órfãos”.

As referências bíblicas e históricas sugerem que Davi (1Cr 15.16-22), Ezequias (2Cr 29.25-30; Pv 25.1) e Esdras (Ne 12.27-36, 45-47) participaram, em suas respectivas épocas, da compilação¹ dos salmos para o uso no culto público em Jerusalém. A compilação final do Saltério deu-se mais provavelmente nos dias de Esdras e de Neemias (450- 400 a.C.).

Data

Os salmos, considerados individuais, podem ter sido escritos em datas que vão desde o Êxodo até a restauração depois do exílio babilônico. Mas, a coleção menor parece haver sido reunida em períodos específicos da história de Israel: o reinado do rei Davi (1Cr 23.5); o governo de Ezequias (2Cr 29.30); e durante a liderança de Esdras e Neemias (Ne 12.26).

Esse processo de compilação ajuda a explicar a duplicação de alguns salmos. Por exemplo, o Salmo 14 é similar ao Salmo 53.

O livro de Salmos foi editado em sua forma atual, embora com diversas variações, na época em que a Septuaginta Grega foram traduzidos do hebraico, alguns séculos antes do advento de Cristo.

Os textos ugaríticos², quando contrastados com os recentes escritos do mar Morto, mostram que as imagens, o estilo e os paralelismos de alguns salmos refletem um vocabulário e estilo cananeus muito antigos. Assim, Salmos reflete o culto, a vida

¹ Coligir, reunir (textos de vários autores, ou de natureza ou procedência vária).

² Referentes à antiga cidade de Ugarit (na atual Síria).

pevocional e o sentimento religioso de cerca de mil anos da história de Israel. Mais de 1000 anos desde Moisés (1500 a.C.) até Esdras (450 a.C.).

O salmo mais antigo conhecido vem de [Moisés, no século XV a.C. (SI 90); os mais recentes [provêm dos séculos VI e V a.C. (e.g., SI 137).

A Divisão do Livro

Os 150 salmos são organizados didaticamente em cinco livros. Cada um desses livros termina com uma doxologia, ou *“enunciação de louvor de invocação a Deus”*, e correspondem mais ou menos aos cinco livros do Pentateuco (as divisões são aproximadas):

Livro	Descrição	Salmos
1	Cânticos de Davi	1 ao 41
2	Grupo devocional	42 ao 72
3	Grupo litúrgico	73 ao 89
4	Grupo anônimo	90 ao 106
5	Salmos escritos mais tarde	107 ao 150

Os salmos, não aparecem em ordem 'cronológica. O escrito por Moisés, por exemplo, embora haja sido o primeiro a ser composto, só aparece em nonagésimo lugar. Eles foram assim dispostos para facilitar a liturgia no Santo Templo.

Características Principais

É o maior livro da Bíblia;

Contém o capítulo mais extenso (SI 119.1-176), o capítulo mais curto (SI 117.1,2) e o versículo central da Bíblia (SI 118.8);

- É o hinário e livro devocional dos hebreus, e a sua profundidade e largueza espirituais fazem com que este livro seja o mais lido e estimado do Antigo Testamento, pela maioria dos crentes.
- “*Aleluia*” (traduzido por “*louvai ao Senhor*” em algumas bíblias), um termo hebraico universalmente conhecido pelos cristãos, ocorre vinte e oito vezes na Bíblia, sendo que vinte e quatro estão no livro de Salmos.
- O Saltério chega ao seu auge no Salmo 150, com uma manifestação de louvor completo, harmonioso e perfeito ao Senhor.
- Nenhum outro livro da Bíblia expressa tão bem a gama inteira das emoções e necessidades humanas em relação a Deus e à vida humana. Suas expressões de louvor e devoção fluem dos picos mais altos, da comunhão com Deus, e seus brados de desespero ecoam dos vales mais profundos do sofrimento.
- Cerca da metade dos salmos consiste de orações de fé em tempos de tribulação.
- É o livro do Antigo Testamento mais citado no Novo Testamento.
- Os “salmos prediletos” da Bíblia, são:

1	23	24	34	37	84
91	103	119	121	139	150

- Salmos 119 é único na Bíblia por:
 - ✓ Seu tamanho (176 versículos);
 - ✓ Seu grandioso amor à Palavra de Deus;
 - ✓ Sua estrutura literária que compreende vinte e duas estrofes de oito versículos cada, sendo que dentro de cada estrofe, cada versículo inicia com a mesma letra, segundo a ordem das

22 letras do alfabeto hebraico, formando um acróstico¹ alfabético.

A característica literária principal do livro é um estilo poético chamado paralelismo, que utiliza mais o ritmo dos pensamentos do que o ritmo da rima ou da métrica. Esta característica possibilita a tradução da sua mensagem de um idioma para outro sem muita dificuldade.

Salmo é uma espécie de história cantada, com a finalidade de louvor, exortação, ensino, gratidão, petição. Seu seguimento monótono e sem inflexão de voz era interrompido no ato de respirar, somente quando o cantor sentia-se impossibilitado de continuar, mas, ainda assim, deveria obedecer à mesma entonação do texto, sem demonstrar que fora interrompido.

O sinal para essa observação era a palavra “*Selá*” ou “*Selah*”, com significado de “*prossigue*” ou “*prossiga*”. A palavra “*selá*” significa, evidentemente, uma *pausa musical*, portanto, *não deve ser lida*.

Muitos salmos eram acrísticos (a letra inicial de cada versículo era uma letra do alfabeto), tais como os de números 9; 10; 25; 34; 37; 111; 112; 119 e 145. Salmos imprecatórios impetravam² a ira de Deus sobre os inimigos de Deus e do seu povo. Estes incluem os números 52; 58; 59; 69; 109 e 140.

A música desempenhava papel de importância no culto do antigo Israel (cf. SI 149; 150; 1Cr 15.16-22); os salmos eram os hinos do povo de Israel. Compostos com rima ou metrificação, a poesia e o cântico do AT têm por base o paralelismo de

¹ Composição poética na qual o conjunto das letras iniciais (e por vezes as mediais ou finais) dos versos compõe verticalmente uma palavra ou frase.

² Rogar, suplicar, pedir, requerer.

pensamento, em que a segunda linha (ou linhas sucessivas) da estrofe praticamente faz uma reiteração (paralelismo sinônimo), ou apresenta um contraste (paralelismo antitético), ou, de modo progressivo, completa (paralelismo sintético) a primeira linha. Todas as três formas de paralelismo caracterizam o Saltério.

O Vocábulo Salmos

A palavra salmos tem origem na tradução do Antigo Testamento hebreu para o grego, no ano 200 a.C., feita por 70 sábios - A Septuaginta (LXX). Nesta versão os Salmos recebem o título de ***Psalmói***: *cânticos entoados acompanhados de instrumentos de cordas*. No hebraico, o termo que corresponde a salmos é ***Tehillim***: *louvores ou cânticos de louvores*.

Saltério.

O livro de Salmos também é chamado de Saltério. Este termo vem da palavra grega *Psálterion*. É o nome de um instrumento musical que, no AT, já era bem conhecido (SI 33.2; 108.2 e 144.9).

Os títulos descritivos que precedem a maioria dos salmos, embora não pertençam ao texto original, logo não inspirados, são muito antigos (anteriores a Septuaginta) e importantes. O conteúdo desses títulos varia, e forma diferentes grupos de Salmos, como:

- ✓ O nome do autor (e.g., SI 47, “*Salmo... entre os filhos de Coré*”);
- ✓ O tipo de salmo (e.g., SI 32, um “*masquil*”, que significa uma poesia para meditação ou ensino);

- ✓ Termos musicais (e.g., SI 4, “*Para o cantor-mor, sobre Nequinote* [instrumentos de cordas]”);
- ✓ Notações litúrgicas (e.g., SI 45, “*Cântico de amor*”, i.e., um cântico para casamento);
- ✓ Breves notações históricas (e.g., SI 3, “*Salmo de Davi, quando fugiu... de Absalão, seu filho*”).

Em quase todas as bíblias atuais, dependendo da agência publicadora e da respectiva versão e edição, cada salmo traz, antes de tudo, uma epígrafe¹, elaborada por essas agências. E evidente que essas epígrafes (bem como as demais através da Bíblia) não são inspiradas.

Os salmos, como orações e louvores inspirados pelo Espírito, foram escritos para, de modo geral, expressarem as mais profundas emoções íntimas da alma em relação a Deus.

1. Muitos foram escritos como orações a Deus, como expressão de:
 - Confiança, amor, adoração, ação de graças, louvor e anelo por maior comunhão com Deus;
 - Desânimo, intensa aflição, medo, ansiedade, humilhação e clamor por livramento, cura ou vindicação.
2. Outros foram escritos como cânticos de louvor, ação de graças e adoração, exaltando a Deus por seus atributos e pelas grandes coisas que Ele tem feito.
3. Certos salmos contêm importantes trechos messiânicos.

¹ Título ou frase que serve de tema a um assunto; mote.

Temas

Os grandes temas dos salmos são Jeová, Cristo, a Lei, a Criação, o futuro de Israel, e os exercícios no sofrimento, gozo ou perplexidade de um coração renovado.

=> Os salmos mostram a atitude de um homem dirigir-se a Deus por intermédio da poesia cantada e podem ser:

- ✓ Um elogio a Deus: SI 23 e 103;
- ✓ Uma exortação aos circunstantes: SI 1; 14 e 37;
- ✓ Uma recriminação aos que se esquecem de Deus: SI 52;
- ✓ Uma forma de implorar o socorro de Deus: SI 51.

=> O seu tema é principalmente o louvor: SI 96 ; 100 e 103;

=> Alguns deles mostram a experiência do povo com o seu Deus, e a esperança deles no Messias: SI 2; 16 e 22.

=> Um tema importante é a pessoa e a obra de Cristo, Nosso Senhor o sugere em Lucas 24.44.

Saltério, uma antologia¹ de 150 Salmos, abarca ampla gama de temas, inclusive revelações a respeito de Deus, da criação, da raça humana, do pecado e do mal, da justiça e da santidade, da adoração e do louvor, da oração e do juízo.

Alude² a Deus de modo ricamente variado: como fortaleza, rocha, escudo, pastor, guerreiro,

¹ Coleção de trechos em prosa e/ou em verso.

² Fazer alusão, referir-se.

criador, rei, juiz, redentor, sustentador, aquele que cura e vingador; Deus expressa amor, ira e compaixão; Ele é onipresente, onisciente e onipotente.

O povo de Deus é também descrito de várias maneiras: como a menina dos olhos de Deus, ovelhas, santos, retos e justos que Ele livrou do lamaçal escorregadio do pecado e pôs seus pés na rocha, dando-lhes um cântico novo. Deus dirige os seus passos, satisfaz seus anseios espirituais, perdoa todos os seus pecados, cura todas as suas enfermidades e lhes provê uma habitação eterna.

Um bom método para estudar o livro é fazê-lo pelas categorias classificatórias dos salmos (algumas dessas categorias se sobrepõem parcialmente):

■

ânticos de Aleluia ou de Louvor: engrandecem o nome, a majestade, a bondade, a grandeza e a salvação de Deus (e.g., SI 8; 21; 33; 34; 103-106; 111; 113; 115; 117; 135; 145; 150);

- *Cânticos de Ação de Graças:* reconhecem o socorro e livramento divino, em muitas ocasiões, em favor do indivíduo ou de Israel como nação (e.g., SI 18; 30; 34; 41; 66; 100; 106; 116; 126; 136; 138);

- *" Salmos de Oração e Súplica:* incluem lamentos e petições diante de Deus, sede de Deus e intercessão em favor do seu povo (e.g., SI 3; 6; 13; 43; 54; 67; 69-70; 79; 80; 85-86; 88; 90; 102; 141; 143);

- *Salmos Penitenciais:* enfocam o reconhecimento e confissão do pecado (SI 32; 38; 51; 130);

- *Cânticos da História Bíblica:* narram como Deus lidou com a nação de Israel (SI 78; 105; 106; 108; 114; 126; 137);

■

Salmos da Majestade Divina: declaram com convicção que “o Senhor reina” (SI 24; 47; 93; 96- 99).

- *Cânticos Litúrgicos*: compostos para cultos ou eventos festivos especiais (SI 15; 24; 45; 68; 113- 118; estes seis últimos eram cantados anualmente na Páscoa);
- *Salmos de Confiança e de Devoção*: expressam: a confiança que o crente tem na integridade de Deus e no conforto da sua presença; a devoção da alma a Deus (SI 11; 16; 23; 27; 31-32; 40; 46; 56; 62-63; 91; 119; 130-131; 139);
- *Cânticos de Romagem*: também chamados “*Cânticos de Sião*” ou “*Cânticos dos Degraus*”. Eram cantados pelos peregrinos, a caminho de Jerusalém para celebrarem as festas anuais da Páscoa, de Pentecoste e dos Tabernáculos (SI 43; 46; 48; 76; 84; 87; 120-134);
- *Cânticos da Criação*: reconhecem a obra do Pai na criação dos céus e da terra (SI 8; 19; 33; 65; 104);
- *Salmos Sapienciais e Didáticos* (SI 1; 34; 37; 73; 112; 119; 133);
- *Salmos Régios ou Messiânicos*: descrevem certas experiências do rei Davi ou Salomão com significado profético, cujo cumprimento pleno terá lugar na vinda do Messias, Jesus Cristo (SI 2; 8; 16; 22; 40; 41; 45; 68; 69; 72; 89; 102; 110; 118);
- *Salmos Imprecatórios*: invocam a maldição ou condenação divina sobre os ímpios (SI 7; 35; 55; 58; 59; 69; 109; 137; 139.19-22). Muitos crentes ficam perplexos quanto a estes salmos, porém, deve-se observar que eles foram escritos por zelo pelo nome de Deus, por sua justiça e sua retidão, e por intensa aversão à iniquidade, e não por simples vingança. Em suma: clamam a Deus para Ele elevar os justos e abater os ímpios.

Questionário

- Assinale com “X” as alternativas corretas

1. Não é um dos autores de Salmos
 - a) Asafe, um vidente, foi posto sobre serviço de canto na casa de Deus
 - b) Salomão, recebeu o maior grau de sabedoria de todos os tempos; escreveu dois salmos: 72 e 127
 - c) Os filhos de Core, executavam o serviço de Deus e se tornaram guias de adoração em Israel
 - d) Zedequias, rei de Judá; é tido como um dos autores dos Salmos
 2. A palavra “*selá*” ou “*selah*” em Salmos, significa:
 - a) Um acorde musical
 - b) Um aumento na entonação
 - c) Uma pausa musical
 - d) Uma complementação da rima
 - 3- Salmos imprecatórios
 - a) Invocam a maldição ou condenação divina sobre os ímpios
 - b) Eram cantados pelos peregrinos, a caminho de Jerusalém para celebrarem as festas
 - c) Narram como Deus lidou com a nação de Israel
 - d) Engrandecem o nome, a majestade, a bondade, a grandeza e a salvação de Deus
- Marque “C” para Certo e “E” para Errado
4. Salmos possui um estilo poético chamado paralelismo, que utiliza mais o ritmo da rima ou da métrica do que o ritmo dos pensamentos
 5. Salmos também é chamado de Saltério - um instrumento musical já bem conhecido no AT

Compilação

Sabe-se que existiram hinos, usados no culto em Babilônia e no Egito, por muitos séculos antes de Abraão e José.

Embora fosse um caso notável se a salmodia hebraica não apresentasse sinais de ter crescido de tal solo, uma semelhança de estrutura literária, como por exemplo, o uso extenso do paralelismo não é índice de igual riqueza e vigor espiritual. Neste aspecto, os Salmos de Israel não têm rivais. Além disso, o seu uso comum por parte de uma congregação de adoradores, bem como pelos sacerdotes oficiais, era uma prática desconhecida em todos os lugares.

Quando os filhos de Israel estabeleceram o culto de Jeová, na Palestina, fizeram-no no meio de um povo que possuía um considerável depósito de poesia religiosa. Isto é indicado pelas tábuas de Ras *Shamra* e está implícito nos cânticos de júbilo e de maldição entoados pelos siquemitas no tempo de Abimeleque (Jz 9.27). É a este período que devemos atribuir a poesia israelita como o Cântico de Moisés (Êx 15) e o Cântico de Débora (Jz 5). Estas poesias constituíram precedentes e ofereceram incentivos para os salmos mais recentes.

A base do Saltério parece ser constituída por uma coleção dos hinos davídicos. Davi esteve tradicionalmente associado com o culto organizado (cfr. 1Cr 15 e 16) e os seus dons excepcionais combinaram-se com a sua notável experiência espiritual.

O grupo principal pareceria ser Salmos 51- 72, mas há outros grupos davídicos, nomeadamente, 2-41 (omitindo o 33), 108-110 e 137-145. Talvez nem

todos estes sejam atribuíveis a Davi, mas a sua composição marca o estilo e constitui o núcleo.

É presumível¹ que tenha havido mais do que um centro onde os hinos hebraicos foram colecionados, do mesmo modo que houve mais do que uma “escola de profetas”.

Durante os séculos em que estes grupos se fundiram, algumas repetições foram aceitas. Estas continham habitualmente variantes, em que aparecia a palavra *Eloim* para o nome de Deus, de hinos que se referiam a Deus como Jeová, mas havia ainda outras diferenças ligeiras (cfr. 2Sm 22 e SI 18). Os principais salmos duplicados são o 14 e o 53; o 40.13-17 e o 70.

Pouco depois da constituição dos primeiros grupos davídicos vieram associarem-se com eles duas coleções de salmos levíticos, a de Coré (SI 42-49). Alguns destes podem ter-se originado nos principais regentes das escolas de cantores (cfr. 1Cr 6.31 e 39); outros receberam os seus títulos como uma indicação do estilo ou do lugar de origem.

Os salmos de Asafe são mais didáticos, dão maior proeminência às tribos de José e fazem um maior uso da imagem do pastor e do discurso direto por parte de Deus. A estes grupos combinados foram acrescentados uns poucos salmos anônimos (SI 33; 84; 85; 87-89) e também o Salmo 1, introdutório.

Os salmos restantes, Salmos 90-150, revestem-se de um caráter muito mais litúrgico e incluem vários grupos de hinos que têm uma forte unidade tradicional, por exemplo, o Hallel Egípcio (SI 113-118), os quinze Cânticos dos Degraus (SI 120-134), e o grupo final (SI 145-150). Outros, como Salmos 95-100 (os cânticos sabáticos de alegria), estão

¹ Que se pode presumir, supor, ou suspeitar. Provável, verossímil.

obviamente relacionados uns com os outros como estão também os Salmos 92-94 e 103; 104.

Moisés foi tradicionalmente associado com os Salmos 90 e 91, e há um fundo histórico comum para Salmos como 105; 106; 107; 135 e 136. A sua ênfase sobre o êxodo é equilibrada por uma reverência profunda pela Torá, como se expressa no Salmo 119 de uma forma hábil, mas devota.

Não é possível explicar como estes grupos de Salmos chegaram a ser selecionados, coordenados e finalmente combinados numa grande coleção. São poucos os que podemos atribuir-lhes uma data definida; uns são de Davi, outros são distintamente pós-exílicos. É absolutamente possível que muitos tenham sido revistos através de séculos de uso litúrgico.

* **Nota:** alguns “Salmos” aparecem dispersos pelo Velho Testamento, como, por exemplo, Êxodo 15.1- 21; Deuteronômio 32; Jonas 2; Habacuque 3 e mesmo os oráculos de Balaão em Números 23 e 24.

Outra questão em que há grande diferença de opiniões é até que ponto os Salmos se conservam ainda na sua composição pessoal original e até que ponto foi composto para uso no culto público? Alguns Salmos são tão íntimos e pessoais como o amor e a morte (por exemplo, 22; 51; 139), mas foram mais tarde adaptados para uso nos serviços do templo. Um exemplo interessante disto acha-se no fim do Salmo 51.

Muitos Salmos, porém, foram compostos, sem dúvida, para uso em cultos coletivos (por exemplo, 67; 115), e alguns dos poemas hebraicos mais antigos eram deste caráter, como os Cânticos de Miriã e Débora (Êx 15.20 ss. e Jz 5).

Deve notar-se também que Salmos em que aparece o pronome “EU” podem não ter sido originalmente pessoais.

A sociedade hebraica encontrava-se de tal modo unida que, o indivíduo podia identificar-se com o grupo a que pertencia, e o povo, como um todo, podia ser considerado como uma personalidade coletiva. Eis por que muitos Salmos, que parecem ser pessoais, podem entender-se - como expressões de uma comunidade unificada por alguma experiência geral e falando por meio de uma pessoa representativa.

Classificação

Estes 150 cânticos de adoração podem classificar-se de variadas maneiras. Há poemas acrósticos, salmos de ação de graças e de lamentação (ambos de caráter individual e nacional), cânticos de confiança, cânticos para peregrinos, hinos de arrependimento, orações dos falsamente acusados, salmos históricos, salmos relativos ao Rei, salmos proféticos; há hinos para festivais e cânticos relacionados com a ordem do culto no templo.

A classificação tradicional judaica transparece na divisão do Saltério em cinco livros, cada um dos quais termina com uma doxologia (SI 1-41; 2-72; 73-89; 90-106; 107-150).

Este esboço, em cinco partes, era considerado como tendo correspondência com os cinco livros de Moisés e pode presumir-se que cada passagem *do* Pentateuco era lido em paralelo com o Salmo que lhe correspondia.

Modernamente, tende-se para um esboço de classificação inteiramente diferente, que se baseia no argumento de que os Salmos devem as suas características principais ao uso que deles se fazia nos Serviços do templo em Jerusalém. Que estes eram

importantes e preparados com esmero¹, transparece de passagens como 2Crônicas 29.27,28; 5.11-14; 1Crônicas 16.4-7 e 36-42.

Os três grandes festivais do ano judaico duravam vários dias e exigiam um uso intenso de cânticos no santuário. Este era, de forma especial, o caso das festividades associadas com a Festa dos Tabernáculos (cfr. Nm 29) e alguns salmos foram, certamente, compostos para tais ocasiões (por exemplo, SI 115; 118; 134).

Além disso, muitos salmos dão proeminência especial ao tema de eventos reais, parcial na celebração de entronizações e vitórias reais, mas, principalmente, para expressar a suprema soberania de Jeová. Este significado simbólico é bem evidente em Salmos 2; 24; 95-100 e 110.

Uso Litúrgico

A associação íntima do Saltério e do Pentateuco e a leitura contínua da Torá fizeram, com o tempo, que certos salmos se tornassem ligados há dias e ocasiões particulares.

- O Salmo 145 era usado em cada uma das três festividades anuais (é provável que seja o hino referido em Marcos 14.26);
- O Salmo 130, com a expectativa e o desejo intenso por perdão que o caracterizam, era usado no Dia da Expição;
- O Salmo 135 era um hino habitualmente Pascal;
- Os velhos cânticos peregrinos (SI 120-134) foram adotados para a Festa dos Tabernáculos e, no

¹ Grande apuro no acabamento; perfeição, requinte. Correção e elegância na aparência; apuro.

tempo do Templo de Herodes, eram habitualmente entoados por um coro de levitas, de pé, nos quinze degraus que ligavam os dois pátios do templo;

- Alguns eram tradicionalmente considerados sabáticos (por exemplo: SI 92-100), e cada dia da semana tinha o seu Salmo habitual.

Títulos

Sabe-se que os títulos atribuídos a cerca de cem Salmos são de data anterior à Septuaginta e merecem ser tratados com respeito por causa da antiguidade da sua origem.

O hebraico pode significar “de”, “para”, “pertencendo a”, isto é, “aparentado com”. Estes títulos são de cinco tipos:

- Os que apontam para uma origem (por exemplo, SI 18; 51-60; 90);
- Os que dão ênfase a um propósito especial (por exemplo, SI 38; 60; 92; 100; 102);
- Títulos que indicam melodias especiais para o hino (por exemplo, SI 9; 22; 45; 56; 57; 60; 80);
- Títulos que se referem ao tipo de acompanhamento musical (por exemplo, SI 4; 5; 6; 8; 45; 53; ver o SI 150 em relação aos instrumentos musicais).

■

I

á, finalmente, títulos descritivos do tipo do Salmo, por exemplo, *Maschil* - um Salmo instrutivo ou de sabedoria; *Michtam* - para expiação. O significado de alguns termos, por exemplo, *Shiggaion*, é obscuro¹.

A palavra “*Selah*” que aparece em muitos Salmos (a maior parte davídicos) indicava

¹ Fig. Difícil de entender; confuso; enigmático.

provavelmente uma mudança na melodia de acompanhamento, ou um intervalo musical; ou, se for tomada como assinalando uma pequena versão do Salmo, pode ser, em si mesma, uma exclamação abreviada de louvor (correspondendo ao uso moderno de “glória”).

Interpretação

A interpretação dos Salmos depende do nosso conhecimento da condição da crença religiosa e da revelação ao tempo da sua composição e da nossa própria experiência de Deus em Cristo.

Pensa-se muitas vezes que certas passagens se referem à vida depois da morte (por exemplo, SI 16.10; 17.15; 73.24; 118.17), e tanto quanto conhecermos o poder da ressurreição de Cristo podemos ler tais declarações à luz daquela verdade. O salmista não conhecia tal certeza, embora compartilhasse com o profeta um discernimento parcial de coisas maiores do que podia expressar em palavras.

Certamente que estas passagens não se encontravam vazias de esperança quando - primeiramente foram enunciadas, mas a qualidade dessa “certeza” é que era variável. Constituía principalmente uma inferência¹ da experiência pessoal do autor com Deus e a sua percepção de um propósito divino correndo através da história. Ele tinha fé suficiente para vislumbrar a promessa, embora esta estivesse muito longínqua.

As suas palavras podem incluir muitas vezes a esperança de ser livrado de uma morte física imediata, mas não podemos limitar a isso o seu significado.

¹ Ato ou efeito de inferir; indução, conclusão, ilação.

O elemento de predição é mesmo mais forte na forma profética, notado em alguns Salmos. É verdade que cada predição tem de esperar pelo cumprimento antes de poder ser completamente compreendida, mas existe, de algum modo desde a sua primeira expressão. Por exemplo, Salmos 16.8-11 é interpretado em Atos 2.25-32 e Salmos 2 é compreendido em Atos 4.26 ou Hebreus 1.5 e 5.5, de uma forma que esclarece e preenche completamente o que, na maior parte, podia ter sido apenas parcial e esquemático na mente do salmista.

De fato, a origem da idéia pode ter para ele uma relação secundária com a sua interpretação final. A revelação de Deus em Cristo é o ponto central da história do mundo (cfr. Hb 9.26; Rm 8.19-22). Não é, pois, surpreendente que, à medida que os séculos deslizam para o passado, tal verdade eterna causasse em homens piedosos uma “advertência” crescente de acontecimentos iminentes, e relacionados. O Senhor escolheu Israel para certo propósito.

Do ponto de vista divino esse objetivo já estava cumprido (cfr. IPe 1.20; Ef 1.10) e a corrente da experiência humana, sob Deus, incluía recursos que tornavam possível a sua revelação.

Há dificuldade em reconciliar a bondade e a misericórdia divinas com algumas das maldições encontradas no Saltério (cfr. Tg 3.9-11). Pode-se notar quatro pontos.

- 1) Estas imprecizações não estão no espírito do Evangelho, e, contudo há também palavras ásperas no Novo Testamento (por exemplo, Mt 13.50; 23.13-33; 25.46; Lc 18.7,8; 19.27; At 13.8-11; 2Ts 1.6-9; Ap 6.10; 18.4-6). O NT condena as represálias humanas, mas ensina plenamente que

todos colhem as conseqüências da sua escolha (por exemplo, Mt 7.22,23; 2Co 5.10).

- 2) O salmista pode não ter tido a intenção de revestir as suas amargas palavras de sentido profético, mas na vasta providência divina elas podem tornar-se verdadeiras (por exemplo, At 1.20 cita SI 69 e 109; Rm 11.9,10 cita SI 69). Além disso, nem sempre é gramaticalmente possível distinguir entre o significado de “*que isto aconteça...*” e “*isto acontecerá...*”.
- 3) O salmista vivia sob a lei que ensinava a doutrina da retribuição (cfr. Lv 24.19; Pv 17.13). As suas imprecações são orações para que o Deus justo faça como tem falado. Em muitos casos, são prováveis que as maldições sejam citações que o salmista fazia do que os seus inimigos tinham (falsamente) ditos a respeito dele.
- 4) Não somos autorizados a voltar a ler nas palavras imprecatórias do Saltério qualquer rancor e crueldades pessoais. Homens bons desejam a punição do mal: se mostrássemos simpatia para com aqueles a quem, na sabedoria de Deus, lhes é permitido tornarem-se plenamente o que desejaram ser (contra Deus), então estaríamos a participar do seu pecado e da sua impiedade.

O Livro de Salmos ante o Novo Testamento

Há 186 citações dos salmos no NT, o que ultrapassa qualquer outro livro do AT. E fato claro que Jesus e os escritores do NT conheciam muito bem os salmos, e que o Espírito Santo usou muitas passagens do livro nos ensinamentos de Jesus, bem como em ocasiões em que Ele cumpriu as Escrituras como o Messias

predito: por exemplo, o breve Salmo 110 (com sete versículos) é mais citado no Novo Testamento do que qualquer outro capítulo do Antigo Testamento. Ele contém profecias sobre Jesus como o Messias, como o Filho de Deus e como sacerdote eterno, segundo a ordem de Melquisedeque.

Outros salmos messiânicos referentes a Jesus no Novo Testamento são: SI 2; 8; 16; 22; 40; 41; 45; 68; 69; 89; 102; 109 e 118. Referem-se a:

- ✓ Jesus como profeta, sacerdote e rei;
- ✓ Sua primeira e sua segunda vinda;
- ✓ Sua qualidade de Filho de Deus e seu caráter;
- ✓ Seus sofrimentos e morte expiatória;
- ✓ Sua ressurreição.

Resumindo: os salmos contém algumas das profecias mais minuciosas de todo o AT a respeito de Cristo e, a cada passo, vemo-las fartamente entretecidas na mensagem dos escritores do NT.

Questionário

- Assinale com “X” as alternativas corretas

- São mais didáticos, dão maior proeminência às tribos de José e fazem um maior uso da imagem do pastor e do discurso direto por parte de Deus
 - Os salmos de Moisés
 - Os salmos de Coré
 - Os salmos de Asafe
 - Os salmos de Davi
 - A classificação tradicional judaica transporece na divisão do Saltério em:
 - 5 livros, cada um dos quais terminam com uma doxologia
 - 4 livros, cada um dos quais terminam com um acróstico
 - 10 livros, cada um dos quais terminam com uma melodia
 - 7 livros, cada um dos quais terminam com um paralelismo
 - O Salmo 110 não contém profecia sobre Jesus como:
 - O Messias
 - O morto que reviveu
 - O Filho de Deus
 - O sacerdote eterno, segundo a ordem de Melquisedeque
- Marque “C” para Certo e “E” para Errado
- Davi esteve tradicionalmente associado com o culto organizado. Seus dons combinaram-se com a sua notável experiência espiritual
 - Salmos é o livro do Antigo Testamento mais citado no Novo Testamento

Lição 3

O Livro de Provérbios

Provérbios	<u>Autor:</u> Salomão, com trechos escritos por Agur e pelo rei Lemuel. <u>Data:</u> Cerca de 970 a.C., com trechos de 700 a.C. <u>Tema:</u> Sabedoria para um viver justo. <u>Palavras-Chave:</u> Temor do Senhor, sabedoria, entendimento, instrução e conhecimento. <u>Versículo-Chave:</u> Pv 3.5,6 e 9.10.
-------------------	---

O AT hebraico era em regra dividido em três partes: *a Lei, os Profetas e os Escritos* (cf. Lc 24.44). Na terceira parte estavam os *livros poéticos e sapienciais*, a saber: Jó, Salmos, Provérbios,

Eclesiastes, etc.

Semelhantemente, o Israel antigo tinha três categorias de ministros: *os sacerdotes, os profetas e os sábios*. Estes últimos eram especialmente dotados de sabedoria e conselhos divinos a respeito de princípios e práticas da vida.

- ✓ O livro de Provérbios representa a sabedoria inspirada dos sábios.
- ✓ O conteúdo de Provérbios representa uma forma de ensino comum no Oriente Próximo antigo, mas no caso deste livro, sua sabedoria é diferente porque veio da parte de Deus, com seus padrões justos para o povo do seu concerto.

- ✓ O ensino mediante provérbios era popular naqueles antigos tempos, em virtude da sua grande clareza e facilidade de memorização e transmissão de geração em geração.

Afinal, o que é provérbio? A palavra hebraica *mashal*, traduzida por “provérbio”, tem os sentidos de “oráculo”, “parábola”, ou “máxima sábia”. Por isso, há declarações longas no livro de Provérbios (e.g., Pv 1.20-33; 2.1-22; 5.1-14), mas há também as concisas¹, mas ricas de sentido e sabedoria, para se viver de modo prudente e justo.

A palavra “provérbio” significa um dito curto, incisivo² e axiomático³, particularmente apropriado para o ensino oral. É por isto que o livro de Provérbios é um dos três livros bíblicos chamados de “livros sapienciais” ou “livros de sabedoria” (os outros dois são Jó e Eclesiastes).

Alguns colocam também Salmos e Cânticos nesta categoria, mas a associação é indevida, porque apenas alguns trechos de Salmos podem ser assim classificados e Cânticos merece ser classificado à parte.

Estes livros sapienciais têm por finalidade “*instruir em sábio procedimento, em retidão, justiça e equidade*”; *para se dar aos simples prudência, e aos jovens conhecimentos e bom siso*⁵ (Pv 1.3-4). Só os insensatos desprezam o seu ensino (Pv 1.7b). Esta literatura sapiencial, no entanto, não se restringiu aos

¹ Sucinto, resumido.

² Decisivo, pronto, direto, sem rodeios.

³ Evidente; manifesto, incontestável.

⁴ Disposição de reconhecer igualmente o direito de cada um. Igualdade, retidão.

⁵ Bom senso; juízo, tino, prudência, circunspeção.

hebreus. Vicejou¹ largamente em todo o Oriente Antigo. No Egito e na Mesopotâmia, por exemplo, há registros de obras desta categoria, algumas muito famosas. Assim é que, escritas em acádico², encontraram-se obras sapienciais antigas de Ras Shamra.

O texto de Sabedoria de Aicar é de origem assíria e foi traduzido para diversas línguas antigas. O próprio livro de Provérbios, tem trechos de um sábio egípcio assimilados em seu conteúdo. Era, portanto, uma literatura internacional.

Sua preocupação, na maior parte das vezes era totalmente secular, sem um sentido religioso, como diríamos hoje. No livro de Provérbios mesmo, assim é com a maior parte. Mas não se deve dizer como alguns precipitadamente o fazem que fosse uma literatura profana.

Para aquelas culturas não havia muita diferença entre sagrado e profano. Toda a vida lhes era sagrada. Todos os aspectos da vida eram considerados por estes povos como sagrados. É por isso que assuntos como trabalho, família, bebida, finanças, relações sociais, sexualidade, doméstica e outros mais, são focalizados.

A linha da literatura sapiencial era esta: *como viver bem a vida que é um dom da divindade*.

O propósito do livro está bem esclarecido em Provérbios 1.2-7:

=> *Dar sabedoria e entendimento quanto ao comportamento sábio, justiça, discernimento e imparcialidade* (Pv 1.2,3), de modo que:

¹ Brotou, produziu, lançou.

² Língua semítica da Mesopotâmia, atualmente extinta, atestada em vasta literatura em escrita cuneiforme, e que se tornou língua franca do Oriente Próximo por volta de 2000 a.C.

- Os simples sejam prudentes (Pv 1.4);
- Os jovens sejam inteligentes e ajuizados (Pv 1.4);
- Os sábios sejam ainda mais sábios (1.5,6).

Muito embora Provérbios seja basicamente um manual sapiencial sobre a vida de justiça e prudência, o devido alicerce dessa sabedoria é “o *temor do Senhor*”, como está explicitamente declarado em Provérbios 1.7.

Sabedoria para a vida correta.

O tema central de Provérbios é “*sabedoria para um viver justo*”, sabedoria esta que começa com a submissão humilde do crente a Deus, e daí flui para todas as áreas da sua vida.

A sabedoria em Provérbios:

- ✓ Instrui a respeito da família, da juventude, da pureza sexual, da fidelidade conjugal, da honestidade, do trabalho diligente, da generosidade, da fraternidade, da justiça, da retidão e da disciplina;
- ✓ Adverte quanto à insensatez do pecado, das contendas, dos males da língua, da imprudência, da bebedeira, da glotonaria, da concupiscência, da imoralidade, da falsidade, da preguiça e das más companhias;
- ✓ Faz um contraste entre a sabedoria e a tolice, entre os justos e os ímpios, entre a soberba e a humildade, entre a preguiça e a diligência, entre a pobreza e a riqueza, entre o amor e a concupiscência, entre o certo e o errado e entre a vida e a morte.

O Autor

O livro é atribuído a Salomão (Pv 1.1), mas há nele também outros autores, como Agur (Pv 30.1) e Lemuel, rei de Massá (Pv 31.1), que se pensa ser um pseudônimo de Salomão. Outros autores estão subentendidos em Provérbios 22.17 e 24.23.

Assim como Davi é o manancial da tradição salmódica em Israel, Salomão é o manancial da tradição sapiencial em Israel (ver Pv 1.1; 10.1; 25.1). Conforme IReis 4.32, Salomão produziu 3.000 provérbios e 1.005 cânticos.

A respeito de Agur e do rei Lemuel (Pv 30.1; 31) nada se sabe, exceto que, pelos seus nomes, não eram israelitas. A sabedoria é universal, não nacional.

Salomão, rei de Israel, era filho de Davi e de Bate-Seba. Ele reinou por quarenta anos, de 970 a 930 a.C., assumindo o trono quando tinha cerca de vinte anos de idade.

O título geral é *“Provérbios de Salomão, filho de Davi”*. Em diversos pontos do livro, entretanto, ocorrem rubricas que denotam a autoria de diferentes seções. Assim, há seções atribuídas a Salomão (Pv 10:1) e aos “sábios” (Pv 22.17; 24.23). Em Provérbios 25.1 existe uma interessante rubrica: *“Provérbios de Salomão, os quais transcreveram os homens de Ezequias, rei de Judá”*; o capítulo 30 é introduzido como: *“palavras de Agur, filho de Jaque”*; e o capítulo 31 com os seguintes termos: *“Palavras do rei Lemuel”*, ou melhor, de sua mãe.

Os rabinos diziam: “Ezequias e seus homens escreveram Isaías, Provérbios, Cantares e Eclesiastes”; em outras palavras, editaram ou publicaram esses livros. No que tange ao livro de Provérbios é duvidoso que essa declaração rabínica esteja baseada em outra coisa além da rubrica de Provérbios 25.1.

O ceticismo que desde o século I tem reduzido ao mínimo o elemento salomônico, atualmente parece estar desaparecendo. Anteriormente, a literatura de Sabedoria, como um todo, era geralmente atribuída a uma data pós-exílica. Agora o devido reconhecimento está sendo dado à poesia de Sabedoria, não apenas nos escritos proféticos, mas também nos escritos pré- proféticos (cfr. Jz 9.8 ss.).

Por exemplo, escreve W. Baumgartner: *“Portanto, visto que não pode ter surgido simplesmente como sucessor da Lei e da Profecia, em tempos pós- exílicos, uma data tão posterior exige cuidadoso reexame”*. O resultado desse reexame, por parte de eruditos críticos, tem levado, geralmente falando, a uma conceituação mais séria sobre as rubricas.

Consideremos os autores nomeados nessas rubricas.

Salomão.

No livro de Provérbios, a sabedoria não é simplesmente intelectual, mas envolve o homem inteiro; e dessa sabedoria, Salomão, no zênite¹ de sua fama, é a materialização.

Ele amava ao Senhor (IRs 3.3); ele orou pedindo um coração entendido para discernir entre o bem o mal (IRs 3.9,12); sua sabedoria foi-lhe proporcionada por Deus (IRs 4.29), e era acompanhada por profunda humildade (IRs 3.7); foi testada em questões práticas, tais como administração justa (IRs 3.16-28) e diplomacia (IRs 5.12).

Sua sabedoria tornou-se famosa no Oriente (IRs 4.30 ss.; 10.1-13); ele compôs provérbios e cânticos (IRs 4.32) e respondeu “enigmas” (IRs 10.1);

¹ Fig. Auge, apogeu, culminância.

e muito de sua coletânea de fatos foi tirado da natureza (IRs 4.33).

Existem vários elementos salomônicos em outras porções do livro. Mas mesmo assim, essas coleções podem ser apenas uma seleção inspirada dentre sua sabedoria,'pois não existem cerca de 3.000 provérbios em todo o livro de Provérbios (cfr. IRs 4.32).

Os sábios.

As nações do Oriente antigo tinham os seus “sábios”, cujas funções iam desde a política do estado até a educação. (Quanto ao Egito, cfr, por exemplo, Gn 41.8; quanto a Edom, cfr. Ob 8).

Em Israel, onde era reconhecido que “*o temor do Senhor é o princípio da ciência*”, os “sábios” também ocupavam uma função mais importante. Jeremias 18.18 demonstra que, no tempo daquele profeta, os sábios estavam no mesmo nível com o profeta e com o sacerdote como órgão da revelação de Deus. Porém, assim como os verdadeiros profetas tiveram de entrar em luta com profetas e sacerdotes movidos por motivos indignos, semelhantemente, muitos dos sábios, transigiram¹ em sua função que era de declarar o “conselho de Jeová” (Is 29.14; Jr 8.8,9).

Existem pelo menos duas coleções de “palavras dos sábios” no livro de Provérbios (Pv 22.17- 24.22 e 24.23-34). Talvez os capítulos 1-9 que contém uma exposição do alvo e do conteúdo do “conselho dos sábios”, venham da mesma origem.

E virtualmente impossível datar essas coleções. Provavelmente representam a sabedoria destilada² de muitos indivíduos que temiam a Deus e

¹ Chegar a acordo; ceder, condescender, contemporizar.

² Caído gota a gota; Ressumada, gotejada, estilada. Fig. Instilar.

viveram dentro de um considerável período de tempo. Porém, muito desse material é de data antiga. E. J. Young sugere que pode ser até pré-salomônico.

Os homens de Ezequias.

Por 2Crônicas 29.25-30 aprendemos que Ezequias providenciou para restaurar a ordem davídica, no templo, bem como os instrumentos davídicos e os salmos de Davi e de Asafe.

Não há dúvida que um reavivamento de interesse na sabedoria “clássica” de Salomão foi outra consequência dessa reforma, um reavivamento motivado, não pelo amor às coisas antiquadas, mas pelo desejo de explorar novamente a sabedoria de alguém que havia amado supremamente a Jeová. E assim, a coleção salomônica dos capítulos 25-29 foi editada e publicada.

A. Bentzen apresenta a interessante sugestão que essa coleção até aquele tempo tinha sido preservada, exclusivamente em forma oral.

Agur, filho de Jaque.

Não sabemos quem foi Agur. É possível que devêssemos traduzir a palavra que aparece como “oráculo”, em Provérbios 30.1, como “de Massá”. Massá era uma tribo árabe que descendia de Abraão por meio de Ismael (Gn 25.14), e as tribos orientais eram famosas por sua sabedoria (IRs 4.30). Mas isso de modo algum pode ser mantido com certeza.

Rei Lemuel.

A mãe desse rei aparece como a originária da seção de Provérbios 31.1-9, mas ele é igualmente um personagem desconhecido, embora também se possa traduzir como “de Massá” a palavra que aqui surge como “profecia”.

Não participações supor qhomensenda siEequitor da
omagnificaçõedemBrdaéEsmissa(Per16ita-2P.27). 10134), ramofitena
Cerca de 870-900 a.C. A maioria dos provérbios teve origem
um apócrifo do Divino e Profeta e do Espírito Santo e espiritualizado por
esse século. Xr. E Deus. É possível que esta prova antiga Agur,
a deonEmuel destes livros seria saída do período de treinamento
de Enquidados entre os períodos 700 Data.

O que dissemos sobre as coleções individuais bastante. Mas, quando foram elas reunidas, formando m livro conforme o conhecemos agora? O tempo mais recuado para isso é fixado pela referência aos homens de Ezequias: enquanto que o conhecimento que Ben ira (cerca de 180 a.C.) demonstra sobre o livro significa que já era obra estabelecida e venerada em seus dias. Além disso, não temos evidência externa.

Talvez o tempo mais provável de sua publicação tenha sido pouco depois do retorno dos exilados, no estabelecimento dos quais “Esdras, o escriba”, desempenhou tão importante papel, quando Israel desejava que “o temor do Senhor” dominasse sua educação.

Forma e Conteúdo

A palavra traduzida “provérbio” (*mashal*) se deriva de uma raiz que parece significar “representar” ou “assemelhar-se”. Sua significação básica, portanto, é uma comparação ou símile. Seu germe¹ pode ser uma analogia entre os mundos natural e espiritual (cfr. IRs 4.33 e Pv 10.26).

A mesma palavra é apropriadamente traduzida como “parábola” em Ezequiel 17.2. Esse termo, entretanto, também denotava afirmações onde nenhuma analogia é evidente e veio a designar um dito expressivo ou máxima (cfr. ISm 10.12). Porém, os provérbios deste livro não são tanto máximas populares como a destilação da sabedoria de mestres que conheciam a lei de Deus e estavam aplicando seus princípios a todos os aspectos da vida.

O título do livro, na Septuaginta - *Paroimiai* - que pode ser latinizado para *obiter dicta*, dá uma boa idéia de seu conteúdo. São palavras para os caminhantes que estão buscando palmilhar pelo caminho da santidade.

O livro inteiro é composto em forma poética, geralmente aos pares. Os capítulos 1-9 e 30-31 são discursos poéticos ligados e de alguma extensão. No resto do livro os provérbios são em sua maioria breves, como máximas independentes, todos os quais completos em si mesmos.

Os Provérbios de Israel e de Outras Nações

Assim como a lei dada por intermédio de Moisés não significou que todo o tesouro comum de leis semíticas tinha de ser abandonado,

¹ O princípio, a origem ou a causa de qualquer coisa.

semelhantermente a sabedoria de Salomão e de outros homens não ultrapassou todas as lições aprendidas pelos filhos do Oriente.

Mas no caso da lei e da sabedoria igualmente o que era comum a Israel e a seus vizinhos foi revolucionado pelas sanções divinas e pela sua adoção, na vida de um povo que tinha uma relação especial para com Deus. Mas, quando o peso devido é dado a isso e ao fato que Agur e Lemuel talvez não fossem israelitas, não necessitamos aceitar os argumentos daqueles que vêm no livro de Provérbios empréstimos em grande escala das fontes não-israelitas.

Evidência sobre isso se pode frequentemente encontrar nos paralelos entre a “*Sabedoria de Amen-em-ope*”, do Egito, com Provérbios 22.17-24.34, e a difícil sentença: “*Porventura não te escrevi excelentes cousas...!*” é reescrita como “trinta coisas”, como na obra de Amen-em-ope, que tem trinta capítulos.

Visto que os egiptólogos diferem tanto sobre a data do livro, é perigoso fazer afirmações dogmáticas. Precisamos notara penas que Griffith, o descobridor, datou-o de cerca de 600 a.C., quando então os “sábios” já agiam em Israel durante séculos.

Há bons motivos para acreditar-se que men-em-ope fez empréstimos dos Provérbios. A reputação mundial de Salomão, que levou a rainha de Sabá a investigar sua sabedoria, é um dos primeiros exemplos do modo como a sabedoria tornou-se uma ponte pela qual Israel penetrou no mais alto pensamento de seus vizinhos.

Mas, enquanto seria inverídico dizer que os provérbios egípcios são destituídos de profundo sentimento religioso, em suas sanções ficam muito aquém da literatura canônica de Sabedoria. “*Não te debruces na balança, nem falsifiques os pesos, nem*

causes danos às frações da medida”, diz Amen-em-ope (capítulo 16). Nosso livro, entretanto, diz: “Duas espécies de peso, e duas espécies de medida, são abominação para o Senhor, tanto uma coisa como outra” (Pv 20.10). E isso faz toda a diferença.

Questionário

■ Assinale com “X” as alternativas corretas

1. E certo afirmar que
 - a) O livro de Provérbios representa a sabedoria inspirada dos sacerdotes
 - b) A palavra “provérbio” significa um dito curto, incisivo e axiomático, particularmente apropriado para o ensino oral
 - c) Tema de Provérbios: comunhão com Deus em oração elouvor
 - d) Os livros poéticos e sapienciais fazem parte da primeira divisão do AT hebraico, a saber: a Lei
2. É coerente dizer que: Provérbios é atribuído
 - a) Exclusivamente a Salomão ;
 - b) Apenas a Salomão e ao rei Lemuel
 - c) A Salomão e outros
 - d) Somente a Salomão, ao rei Lemuel e a Agur
3. Quanto à forma que foi escrito Provérbios, é incerto dizer que
 - a) É composto em forma poética, geralmente aos pares
 - b) Os provérbios são em sua maioria breves, como máximas independentes, todos os quais completos em si mesmos

- c) Os capítulos 1-9 e 30-31 são discursos poéticos ligados e de alguma extensão
- d) Vários são os provérbios com a estrutura literária em: epílogo, diálogo e prólogo

Marque “C” para Certo e “E” para Errado

- 4 A literatura sapiencial se restringiu apenas aos hebreus, devido a grandeza da sabedoria de Salomão
- 5. Muito embora Provérbios seja basicamente um manual sapiencial sobre a vida de justiça e prudência, o devido alicerce dessa sabedoria é “o temor do Senhor”

Uso do Livro de Provérbios

O Reitor Wheeler Robinson descreveu a sabedoria do Antigo Testamento como “*a disciplina pela qual era ensinada a aplicação da verdade profética à vida individual à luz da experiência*” (*Inspiration and Revelation in Old Testament*, pág. 241). É isso que torna o livro perenemente relevante. Trata-se de um livro de disciplina: toca em cada departamento da vida e demonstra que ela é alvo do interesse direto de Deus.

A sabedoria não consiste da contemplação de princípios abstratos que governem o universo, mas de uma relação com Deus em que um reverente conhecimento produz conduta consonante¹ com aquela relação, em situações concretas. O homem que rejeita isso é, francamente, um insensato.

E a sabedoria precisa dominar a vida inteira; não apenas a devoção de um homem, mas também sua atitude para com sua esposa, seus filhos, seu trabalho, seus métodos de negócio e até mesmo suas maneiras à mesa.

Já foi admiravelmente dito que “*para os escritores de Provérbios...*” religião significa um bem formado intelecto a empregar os melhores meios de realizar as mais altas finalidades. “*A debilidade, a superficialidade, os pontos de vista e os propósitos estreitos e contraídos, encontram-se do outro lado*”.

Há ampla evidência que nosso Senhor, estando na Terra, amava esse livro. De vez em quando encontramos um eco de sua linguagem em Seu próprio ensino: por exemplo, em Suas palavras acerca daqueles

¹ Que produz, ou tem consonância; cômsonso.

que procuram os principais assentos (cfr. Pv 25.6,7), u na parábola dos homens sábio e insensato e suas asas (cfr. Pv 14.11), ou na parábola do rico insensato cfr. Pv 27.1).

A Nicodemos Ele revelou a resposta da pergunta apresentada por Agur, filho de Jaque (cfr. Pv 0.4 com Jo 3.13). E Ele relembra aqueles que, à semelhança dos “insensatos” sem discriminação do livro de Provérbios, não reconhecem a Ele ou à Sua mensagem de que “*a sabedoria é justificada por seus filhos*” (Mt 11.19). Nosso Senhor, de fato, usou em Suas parábolas exatamente o método de ensino encontrado no livro de Provérbios.

O termo hebraico *mashal* é mais bem traduzido para o grego como *parabolê*, “parábola”; e a mesma palavra grega pode traduzir o termo hebraico *hidhah*, “enigma” ou “adivinhação”. Por isso, em 'arcos 4.11 vemos que, para aqueles que não O reconhecem, tudo quanto está ligado ao reino aparece a forma de enigmas, que ouvem, mas não podem interpretar.

Teria sido devido à companhia de nosso Senhor que Pedro derivou seu gosto pelos provérbios? Seja como for, suas epístolas demonstram uma íntima familiaridade com o livro de Provérbios (cfr. IPe 2.17 om Pv 24.21; IPe 3.13 com Pv 16.7; IPe 4.8 com Pv 0.12; IPe 4.18 com Pv 11.31; 2Pe 2.22 com Pv 6.11).

Paulo também cita e reflete esse livro (cfr. or exemplo, Rm 12.20 com Pv 25.21 ss.), e quando o apóstolo fala sobre “*Cristo, poder de Deus e sabedoria e Deus*” (ICo 1.24), Provérbios 8 lança um rico significado a essas suas palavras.

Hebreus 12.5 ss. nos ordenam que não nos esqueçamos da “*exortação que argumenta convosco*”

como filhos”, e que não desprezemos o castigo do Senhor. A citação é tirada de Provérbios 3.11 ss. E isso nos fornece um quadro sobre a verdadeira natureza do livro de Provérbios - um estudo a respeito da disciplina paternal de Deus.

As afirmações como as parábolas de nosso Senhor precisam ser ponderadas para poderem ser plenamente apreciadas e provavelmente é melhor considerar cada afirmação de Provérbios separadamente, lendo apenas algumas de cada vez. *“Um número de pequenos quadros, acumulados sobre as paredes de uma grande galeria não podem receber muita atenção individual de um visitante, especialmente se ele estiver fazendo uma visita apressada”.*

Por outro lado, é importante lembrar que cada afirmação faz parte de um corpo completo de ensinamento. Tirar um provérbio completamente fora de suas relações para com o todo e buscar aplicá-lo a qualquer situação, pode enganar muito.

Texto e Versões

Há muitas dificuldades e pontos obscuros no texto hebraico, particularmente na principal seção salomônica, como já era de se esperar num documento tão antigo. Recentes descobertas filológicas¹, no entanto, nos advertem contra correções apressadas.

A Septuaginta nos fornece menos ajuda aqui que em certos livros, visto que tem um caráter literário todo seu.

¹ Estudo da língua em toda a sua amplitude, e dos documentos escritos que servem para documentá-la.

Comentário

Embora Provérbios, como os Salmos, não seja fácil de resumir como outros livros da Bíblia, há seções com estrutura definida. E o caso principalmente dos capítulos 1-9, com sua série de 13 discursos apropriados para os pais em relação aos filhos quando estes atingem a adolescência. Com exceção de três desses discursos (ver Pv 1.30; 8.1; 9.1), os demais iniciam por “*meu filho*” ou “*meus filhos*”.

Esses treze discursos contêm numerosos preceitos importantes no âmbito da sabedoria para a juventude. A partir do capítulo 10, Provérbios contêm diretrizes de peso a respeito dos relacionamentos familiares (e.g., Pv 10.1; 12.4; 19.14,26; 20.7; 21.9,19; 22.6,28; 23.13,14,22,24,25; 25.24; 27.15,16; 29.15-17; 30.11; 31.1-31).

Provérbios é um livro, sobretudo prático, mas contém conceitos profundos de Deus. Deus é a personificação da sabedoria (e.g. Pv 8.22-31) e o Criador (e.g. Pv 3.19,20; 8.22-31; 14.31; 22.2); Ele é descrito como onisciente (e.g. Pv 5.21; 15.3, 11; 21.2), justo (e.g. Pv 11.1; 15.25-27,29; 19.17; 21.2,3) e soberano (e.g. Pv 16.9,33; 19.21; 21.1). Provérbios termina com uma solene homenagem à mulher de caráter nobre (Pv 31.10-31).

O que Salmos é para vida devocional, Provérbios é para a vida prática. No seu método de ensino, é intimamente relacionado ao Sermão da Montanha e à Epístola de Tiago.

O Livro de Provérbios Ante o Novo Testamento

A personificação da sabedoria no capítulo 8 é semelhante à do *logos* (“O Verbo”) de João 1.1-18. A sabedoria:

- Está empenhada na criação (Pv 3.19,20; 8.22- 31);
- Está relacionada à origem da vida física e espiritual (3.19; 8.35);
- Tem aplicação prática à vida reta e moral (8.8,9);
- Está disponível aos que a buscam (2.3-5; 3.13- 18; 4.7-9; 8.35,36).

A sabedoria de Provérbios tem sua expressão plena em Jesus Cristo, a pessoa *“maior do que Salomão”* (Lc 11.31), que *“para nós foi feito por Deus sabedoria...”* (ICo 1.30) e *“em quem estão escondidos todos os tesouros da sabedoria e da ciência”* (Cl 2.3).

Ensinaamentos Notáveis

Oito características principais assinalam o livro de Provérbios:

- 1) A sabedoria da parte de Deus não está primeiramente vinculada à inteligência ou a grandes conhecimentos, e sim diretamente ao *“temor do Senhor”* (Pv 1.7). Daí, sábio é aqueles que andam com Deus e observam a sua Palavra. O temor do Senhor é um tema freqüente através do livro de Provérbios (Pv 1.7,29; 2.5; 3.7; 8.13; 9.10; 10.27; 14.26,27; 15.16,33; 16.6; 19.23; 22.4; 23.17; 24.21);
- 2) Boa parte dos sábios conselhos expostos em Provérbios assemelha-se ao aconselhamento que um piedoso pai ministra a seus filhos;
- 3) É o livro mais prático do Antigo Testamento, pois abrange uma ampla área de princípios básicos de relacionamentos e comportamentos corretos na vida

cotidiana - princípios estes aplicáveis a todas as gerações e culturas;

- 4) Sua sabedoria prática, seus preceitos santos, e seus princípios básicos para a vida são expressos em declarações breves e convincentes, de fácil memorização e recordação pela juventude como diretrizes para a vida;
- 5) A família ocupa um lugar de vital importância em Provérbios, assim como ocupava no concerto entre Deus e Israel (cf. Êx 20.12,14,17; Dt 6.1-9). Pecados que violam o propósito de Deus para a família são expostos abertamente com a devida advertência contra eles;
- 6) São os destaques literários de Provérbios, a saber: o farto emprego de linguagem expressiva e figurativa (e.g., símiles e metáforas), paralelismos e contrastes, preceitos¹ concisos² e repetições;
- 7) A esposa e mãe sábia, retratada no fim do livro (cap. 31) são incomparáveis na literatura antiga, quanto à maneira elevada e nobre de abordar o assunto da mulher;
- 8) As exortações sapienciais de Provérbios são os precursores do AT às muitas exortações práticas das epístolas do NT.

Aspectos Interessantes

Talvez o maior de todos os provérbios é 3.5,6. Excelente versículo para a vida. O escritor demonstra ter grande conhecimento da natureza: formigas, aranhas, coelhos.

¹ Regra de proceder; norma. Ensino, doutrina. Ordem, determinação, prescrição.

² Sucinto, resumido. Breve, lacônico. Preciso, exato.

Respeito pelos pais é assunto ao qual se referem muitos provérbios.

Chave de Compreensão

Na estrutura de Provérbios, Deus reconhece a capacidade e as limitações da mente humana. Sua finalidade, portanto, era ensinar a sabedoria para viver bem: ***“Ouça também o sábio e cresça em ciência, e o entendido adquira habilidade, para entender provérbios e parábolas, as palavras dos sábios, e seus enigmas”*** (Pv 1.5-6).

Provérbios ensina, portanto, a sabedoria. Mas, que é sabedoria?

S Não se deve confundi-la com erudição, que é acúmulo de informações e dados, mas que nem sempre garantem que a pessoa saberá viver;

S Não se deve confundi-la também com saber acadêmico. Há pessoas muito bem preparadas academicamente e absolutamente insensatas; Sabedoria, no conceito bíblico, não tem a ver com escolaridade, capacidade intelectual, domínio de tecnologia ou saber científico. Não é livresca¹ nem de bancos escolares.

Para defini-la bem, vejamos o termo hebraico mais comum para designá-la. É *hokmah*. Entendemos bem este termo quando observamos o verbo “ser sábio”, que é *hakham* e traz a idéia de “*agir sabiamente, estar instruído, ser experiente*”. Embora seja usado no sentido de domínio de alguma técnica, seu uso predominante é moral, no sentido de sabedoria para viver acertadamente, ter uma vida ajustada, equilibrada, de bom senso.

¹ Adquirida por meio de livros, sem experiência própria.

A sabedoria de Provérbios é para se entender bem as regras da vida feliz e praticá-las. O livro pretende mostrar o caminho para uma vida feliz.

Isto quer dizer que responde a esta questão: *“como viver bem, de forma equilibrada!”*. Ao longo do seu conteúdo, duas maneiras ficam bem delineadas: pela observação e por revelação.

Pela observação da vida, pela observação de pessoas que erram (os exemplos do iracundo¹, do preguiçoso, da mulher rixosa², do filho insensato), de pessoas que acertam (o justo, o sábio, o amigo fiel, a boa esposa), por entender os mais velhos (ouvir o pai, a mãe, o ancião, o sábio), por fugir do mal (a prostituição, a bebida forte, a preguiça, a ira, a contenda, a exploração do próximo), por seguir o bem (a instrução, o trabalho, a honestidade, a obediência) etc. Também pela revelação. Não há declarações explícitas como *“assim diz o Senhor”* ou *“veio a mim a palavra do Senhor”*, mas por todo o livro transparece a idéia de que ele é mais que um almanaque de farmácia com declarações pírias³ como *“se não sabes nadar, não queiras mergulhar”*. Ele não é um receituário de banalidades, mas vem de Deus.

A sabedoria é dom divino: *“o temor do Senhor é o princípio do conhecimento...”* (Pv 1.7). Está em consonância com a palavra de Jesus: *“Graças te dou, ó Pai, Senhor do céu e da terra, porque ocultaste estas coisas aos sábios e entendidos, e as revelaste aos pequeninos. Sim, ó Pai, porque assim foi do teu agrado”* (Mt 11.25,26).

As verdades profundas de Deus não pertencem aos sábios e entendidos aos olhos humanos,

¹ Irado, colérico, enfurecido.

² Bulhenta, desordeira, brigadora, brigona, rixadora.

³ Reles, grosseiras, ordinárias, vil

mas aos pequenos a quem Deus, em sua graça, quer revelar. Há, portanto, um componente espiritual na sabedoria bíblica. Ser sábio é andar nos caminhos de Deus. Por isto vem o conselho: *“Confia no Senhor de todo o teu coração, e não te estribes no teu próprio entendimento”* (Pv 3.5).

O homem deve ser sábio pelo que aprende de Deus. *“Não sejas sábio a teus próprios olhos; teme ao Senhor e aparta-te do mal”* (Pv 3.7).

Questionário

- Assinale com “X” as alternativas corretas

6. Quanto à sabedoria é incerto afirmar que

- a) Consiste da contemplação de princípios ⁷ abstratos que governam o universo
- b) É dom divino: “o temor do Senhor é o princípio do conhecimento...”
- c) O homem que a rejeita é, francamente, um insensato
- d) Precisa dominar a vida inteira; não apenas a devoção de um homem, mas também sua atitude para com sua esposa, seus filhos, seu trabalho, seus métodos de negócio e até mesmo suas maneiras à mesa

7. Quanto às características principais de Provérbios, é incoerente dizer que

- a) É o livro mais prático do AT, abrange uma ampla área de princípios básicos de , relacionamentos e comportamentos corretos na vida cotidiana
- b) A sabedoria da parte de Deus no livro, está primeiramente vinculada à inteligência ou a grandes conhecimentos
- c) O temor do Senhor é um tema freqüente através do livro de Provérbios
- d) A família ocupa um lugar de vital importância em Provérbios

8. Provérbios nos ensina que há duas maneiras para vivermos bem e de forma equilibrada. Através da :

- a) Erudição e da provação
- b) Cultura e da sabedoria
- c) Observação e da revelação d)M Ciência e do intelecto

■ Marque “C” para Certo e “E” para Errado

9. Sabedoria é erudição, um acúmulo de informações e dados, que sempre garante a pessoa a viver

10. Não se deve confundir a sabedoria com o saber acadêmico. Há pessoas muito bem preparadas academicamente e absolutamente insensatas

Lição 4

O Livro de Eclesiastes

Eclesiastes

Autor: Salomão.

Data: Cerca de 935 a.C.

Tema: A busca por algo de
Verdadeiro valor nesta vida.

Palavras-Chave: Vantagem, vaidade, debaixo
do sol e aflição de espírito.

Versículo-Chave: Ec 2.11,13 e 12.13-14

Eclesiastes é um livro diferente dos demais livros da Bíblia, principalmente os do AT. Ele não apresenta uma história como Juizes ou Crônicas, nem o menos é um “hinário”, tal como os Salmos, ou uma coletânea de oráculos, como alguns livros proféticos, trata-se de um livro “diferente”.

É uma reflexão acerca da vida e dos problemas humanos. Mas somente uma reflexão pura e simples. Ele se envolve tanto com os problemas humanos, que alguns chegaram até a dizer que essas reflexões foram feitas por um homem que não conhecia Deus em sua plenitude.

Houve mesmo quem dissesse ser o seu autor um incrédulo da vida após a morte, pois não a menciona nem uma vez sequer.

Eclesiastes é fruto de um movimento de sabedoria que influenciou a fé em Israel, a partir do reinado de Salomão. Salomão, ao assumir o trono, modificou o conceito de reinado até então existente em seu país.

Saul e Davi exerceram um governo do tipo semita, em que o rei é um conquistador. Das reformas que Salomão fez, uma foi a da instituição de escribas oficiais, cuja função era escrever a história (do ponto de vista do rei, é claro), as leis e também as palavras de orientação ao povo, palavras de sabedoria e voltadas para o ensino moral e religioso. Esses escribas influenciaram muito a religião em Israel, especialmente após o exílio da Babilônia.

O título deste livro no AT hebraico é *kohlelih* (derivado de “*kahal*”, “reunir-se”). Literalmente, significa, “*aquele que reúne uma assembléia e lhe dirige a palavra*”. Este termo ocorre sete vezes no livro (Ec 1.1,2,12; 7.27; 12.8-10) e é geralmente traduzido por “*pregador*” ou “*mestre*”.

A palavra correspondente no grego da Septuaginta é *ekklesiastes*, e dela deriva o título “*Eclesiastes*” em português.

A visão geral ou frase-chave é: “*debaixo do sol*” com a triste ressalva: “*vaidade de vaidades, tudo é vaidade*”, mostrando como um homem, sob as melhores condições possíveis, buscou alegria e paz empregando os melhores recursos humanos. Ele poderia conseguir da sabedoria humana, dos bens, do prazer mundano, da honra do mundo; tudo para concluir que as coisas são vaidade e cansa de espírito. Foi tudo o que um homem, com o conhecimento de um Deus santo e que trará todos a julgamento, aprendeu da natureza vazia das coisas “*debaixo do sol*” e do dever do homem de temer a Deus e guardar os Seus mandamentos.

Embora Salomão fosse um rei incomum e mui dotado, permitiu que o pecado tivesse domínio. Suas alianças matrimoniais desviaram-lhe o coração da sincera adoração de Deus, e resultaram na inutilidade da vida e inanição¹ da alma.

Não temos registro do seu arrependimento desse pecado; possivelmente este monólogo fosse a expressão do seu arrependimento.

O Autor

A obra inteira, portanto, é uma série de ensinamentos por um orador público bem conhecido. Crê-se, geralmente, que o autor é Salomão, embora seu nome não apareça no livro, como em Provérbios (e.g., Pv 1.1; 10.1; 25.1) e em Cantares (cf. Ct 1.1). Vários trechos, no entanto, sugerem a sua autoria.

- O autor identifica-se como filho de Davi, que reinou em Jerusalém (Ec 1.1,12);
- Faz alusão a si mesmo como o governante mais sábio do povo de Deus (Ec 1.16) e como o escritor de muitos provérbios (Ec 12.9);
- Seu reino tornou-se conhecido por causa das riquezas e grandezas (Ec 2.4-9).

Tudo isso se encaixa na descrição bíblica do rei Salomão (cf. 1Rs 2.9; 3.12; 4.29-34; 5.12; 10.1-8). Além disso, sabemos que Salomão, vez por outra, reunia uma assembléia e discursava diante dela (e.g., 1Rs 8.1).

A tradição judaica atribui o livro a Salomão. Por outro lado, o fato de seu nome não aparecer declaradamente em Eclesiastes (apesar de sê-lo nos

¹ Extenuado, vazio, oco.

seus dois outros livros) pode sugerir que outra pessoa auxiliou na compilação do livro.

Deve-se considerar que, o livro é de Salomão, mas que por certo foi compilado posteriormente na sua forma atual, por outra pessoa, assim como ocorreu com certas partes do livro de Provérbios (cf. Pv 25.1).

Data

Cerca de 935 a.C. A versão final do livro de Eclesiastes foi escrita por volta do século III a.C., período em que a Palestina estava sob o domínio dos ptolomeus, reis do Egito, de origem grega, e que tinham estabelecido sua capital em Alexandria.

Aspectos Interessantes

A “conclusão” (Ec 12.13,14) é ainda uma conclusão “debaixo do sol”.

Liturgicamente, Eclesiastes é um dos cinco rolos da terceira parte da Bíblia Hebraica, os Hagiógrafos (“Escritos Sagrados”), cada um dos quais era lido em público anualmente numa das festas sagradas judaicas. Eclesiastes era assim lido na Festa dos Tabernáculos.

Eclesiastes Ante o Novo Testamento

Possivelmente, apenas um texto de Eclesiastes é citado no NT (Ec 7.20 em Rm 3.10, sobre a universalidade do pecado). Todavia, não deixa de haver várias e possíveis alusões (Ec 3.17; 11.9; 12.14, em Mt 16.27; Rm 2.6-8; 2Co 5.10; 2Ts 1.6,7; Ec 5.15, em 1Tm 6.7).

A conclusão do autor, quanto à futilidade da busca de riquezas materiais, Jesus a reiterou quando disse:

- Que não devemos acumular tesouros na terra (Mt 6.19-21,24);
- E que é estultícia alguém ganhar o mundo inteiro e perder a própria alma (Mt 16.26).

O tema de Eclesiastes, de que a vida, à parte de Deus, é vaidade e nulidade, prepara o caminho para a mensagem do NT, a da graça: o contentamento, a salvação e a vida eterna, nós os obtemos como dádiva de Deus (cf. Jo 10.10; Rm 6.23).

De várias maneiras este livro preparou o caminho para a revelação do NT, no sentido inverso. Suas freqüentes referências à futilidade da vida, e à certeza da morte, preparam o leitor para a resposta de Deus sobre a morte e o juízo, isto é, a vida eterna por Jesus Cristo.

Salomão, como o homem mais sábio do AT, não conseguiu respostas satisfatórias para os seus problemas da vida através de prazeres egoístas, riqueza e acúmulo de conhecimentos. Portanto, deve-se buscar a resposta naquele de quem o NT afirma que *“é mais do que Salomão”* (Mt 12.42), isto é, em Jesus Cristo, *“em quem estão escondidos todos os tesouros da sabedoria e da ciência”* (Cl 2.3).

A Vaidade Daquilo que Foi Experimentado

Capítulo 1: *Tudo é vaidade.*

O capítulo 1 tem duas partes. A primeira trata da idéia materialista da vida (Ec 1.1-11). Deste ponto de vista, a vida não oferece nenhum motivo inspirador (Ec 1.1-3), é por demais monótona (Ec 1.4-10) , e acaba no completo esquecimento (Ec 1.11).

Os versículos restantes tratam da sabedoria filosófica e dos fatos da experiência (Ec 1.12-18), e aqui o escritor declara que tanto a ciência (Ec 1.12-15) como a sabedoria (Ec 1.16-18) são enfado e tristeza.

Eclesiastes 1.2 expressa o tema do livro, isto é, todos os empreendimentos humanos na terra não têm sentido nem propósito quando realizados à parte da vontade de Deus, fora da comunhão com Ele e da sua obra de amor em nossa vida. O livro também salienta que a própria criação está sujeita à vaidade e à corrupção.

O autor procura aniquilar as falsas esperanças que o povo deposita num mundo totalmente secular. Seu empenho é que o ser humano perceba as sérias realidades do mal, da injustiça e da morte, e que reconheçam que a vida, à parte de Deus, não tem sentido e nem pode levar à verdadeira felicidade.

A solução do problema está na fé e na confiança em Deus; é isto que dá sentido à vida; que dá real prazer em viver. Devemos atentar para além das coisas terrenas, i.e., para as celestiais, a fim de obtermos esperança, alegria e paz (Ec 3.12-17; 8.12,13; 12.13,14).

A terra parece prosseguir no seu caminho predeterminado sem indicar qualquer mudança (Ec 1.5-11) . O ser humano não pode buscar na natureza, sentido para a sua existência terrena, nem pode, na terra, obter plena satisfação.

Eclesiastes 1.9 não quer dizer que não ocorrem novas invenções, mas somente que não há nenhum novo tipo de propósitos e desejos da raça humana permanecem os mesmos.

“Eu, o pregador... informar-me com sabedoria” (Ec 1.12-18). O ser humano não consegue

descobrir, por si só, qualquer propósito na vida, nem consegue utilizar os recursos produzidos pelo homem para endireitar o que está errado no mundo (Ec 1.15).

A solução consiste em algo superior à sabedoria humana, à filosofia ou idéias humanas. Trata-se da sabedoria que vem do alto (Tg 3.17), “a *sabedoria de Deus, oculta em mistério, a qual Deus ordenou antes dos séculos*” (ICo 2.7).

➤ **Capítulo 2: Prazeres e riquezas não produzem a felicidade.**

Em Eclesiastes caps. 1 e 2 o rei fala pela experiência, e em 3.1 a 9.16 por observação. Na primeira parte declara que a procura da ciência (Ec 1.12-18), do prazer (Ec 2.3), das riquezas (Ec 2.4-11), e dos bens da vida em geral é tudo em vão.

“O *prazer... e eis que tudo era vaidade*” (Ec 2.1-11). Salomão relata como ele experimentou o prazer, as riquezas, e as recreações culturais na busca da satisfação e do prazer. Porém, nada disso lhe proporcionou real felicidade, a insatisfação em seu viver continuou (Ec 2.11). Somente em Deus e na sua vontade pode o ser humano encontrar paz, satisfação e alegria permanentes.

“Da *sabedoria... da doidice*” (Ec 2.12-17). Salomão observou que viver sabiamente na terra é vantajoso por algum tempo, pois o sábio tem menos problemas do que o tolo. Com a morte, porém, todas as vantagens ficam nulas.

Logo, a sabedoria terrena não tem valor permanente, no sentido estrito.

“Eu *aborreci todo o meu trabalho...*” (Ec.18- 23). *O trabalho humano, se não for dedicado a Deus, não tem valor permanente (ver Cl 3.23). Até mesmo os bens que o ser humano deixa na terra depois*

da morte, podem ser levemente esbanjados por outra pessoa.

O escritor deste livro chega a duas conclusões (Ec 2.24-26):

- **S** Comer, beber e trabalhar - enfim, todas as atividades da vida - podem trazer satisfação apenas se a pessoa vive a sua vida para Deus. Somente Deus capacita o ser humano a ter prazer na vida;
- **S** Ele concede verdadeira sabedoria, conhecimento e alegria aos que o agradam mediante a fé (cf. Ec 3.12,13,22; 5.18-20; 8.15; 9.7).

Devemos, portanto, entender que a vida é um dom de Deus e que devemos confiar n'Ele para que o seu propósito se realize em nós (ver Fp 2.13).

A Vaidade Daquilo que foi Observado

Capítulo 3: *Tempo próprio para tudo.*

Deus tem um plano eterno que inclui os propósitos e atividades de toda pessoa na terra (Ec 3.1-8) . O crente deve entregar-se a Deus como sacrifício vivo, deixar que o Espírito Santo leve a efeito o plano de Deus em sua vida e ter cuidado para não se afastar da vontade de Deus, e assim perder a oportunidade quanto ao propósito divino para a sua vida (Rm 12.1,2).

Ao lermos Eclesiastes 3.11, ficamos intrigados, pois, segundo a tradução João Ferreira de Almeida, afirma: *“também pôs no coração deles”*, e na Versão Brasileira: *“Também pôs no coração deles a idéia de eternidade”*.

A palavra hebraica “o/am” é traduzida de vinte diferentes maneiras no AT, e geralmente com o sentido de “duração”. É certo que a “idéia da

eternidade” está na teologia dos homens, mas porventura está deveras na sua compreensão? No coração do ser humano, Deus gravou o anseio inato¹ pelas coisas eternas.

O ser humano busca valores eternos já aqui nesta vida, na sua imanente percepção de viver para sempre. Portanto, a vida material, coisas seculares e prazeres deste mundo nunca satisfarão plenamente o ser humano.

Poder desfrutar da vida e vivê-la sabiamente é uma dádiva de Deus (Ec 3.13), que usufruímos somente quando deveras andamos segundo os seus caminhos, em obediência a Ele como nosso Senhor e Deus. Deste modo, Deus nos dispensa alegria em tudo que empreendemos.

Neste mundo, a perfeita execução dos propósitos de Deus é prejudicada pela injustiça e iniquidade (Ec 3.16,17). Mas, neste texto temos a certeza de que Deus, no seu tempo aprazado, julgará os ímpios e recompensará os justos (cf. Rm 2.5-11).

Biologicamente, o ser humano morre como os animais (Ec 3.19), isto é, o cessar da vida física. Esse fato demonstra a fragilidade do corpo humano, e deve nos conduzir ao temor de Deus e à sua obediência (Ec 12.13).

Podemos entender melhor Eclesiastes 3.19,20, parafraseando um pouco: “*Como morre um, assim morre outro* (fisicamente falando, porque): *todos têm o mesmo fôlego*, e homem não tem vantagem sobre os brutos (tanto um como outro come, bebe e respira para poder viver). *Todos* (no que se refere ao corpo) *vão para um lugar* (a saber, debaixo do chão)”.

¹ Que nasce com o indivíduo; congênito, conato.

Mas, Eclesiastes 3.21 parece perceber mais alguma coisa, fazendo uma pergunta e em 12.7 responde a sua própria pergunta. E em Números 16.22 Deus é chamado o “*Deus dos espíritos de toda a carne*”, e não somente dos crentes.

➤ **Capítulo 4: Os males e as tributações da vida.**

Podemos com vantagens contrastar o pessimismo de Salomão, o homem mais sábio e rico do seu tempo, com a satisfação do mais humilde crente que na sua simplicidade vive cada dia confiando na graça divina, e “*em tudo dá graça*”, porque conta haver algum lucro espiritual, mesmo no meio de prejuízos materiais.

Olhando em volta para um mundo que rejeitava os caminhos de Deus, Salomão via opressão por toda parte. Via também que os oprimidos não tinham ajuda (Ec 4.1). Hoje continua a haver muita opressão no mundo, mas há consolo à disposição do homem, porque nosso Deus é “o *Deus de toda consolação*” (2Co 1.3).

Deus Pai consolava os seus, nos antigos tempos, quando n’Ele confiavam (SI 86.17; Is 51.3,12), Jesus ministrava consolo e cura quando esteve na terra (Mt 9.22), e o Espírito Santo nos foi prometido por Jesus, como “*outro Consolador*” (Jo 14.16). O preceito bíblico para os crentes também é que eles consolem uns aos outros (2Co 1.4).

Diligência no trabalho e aprimoramento profissional é muitas vezes motivada por mera competição com o próximo e por concorrência egoísta. Tais motivações são auto destrutivas (Ec 4.4-6). Deus quer, antes, que primemos pela moderação, fazendo boas obras, tendo uma maneira de viver santa e sossegada e cooperando uns com os outros (Ec 4.9,10).

No versículo 8 ele lastima a triste sorte do solteiro, mas o apóstolo Paulo, solteiro, velho e encarcerado, quando escrevia da cadeia aos crentes filipenses, em cada capítulo fala em regozijar-se. E também escreve: *“O que é solteiro cuida das coisas do Senhor, de como agradar ao Senhor”* (1Co 7.32).

“Melhor é serem dois do que um” (Ec 4.9-12).

Especialmente quando há entre eles simpatia, tolerância, apreciação mútua, altruísmo, cooperação e identidade de interesses.

O companheirismo tem muitas vantagens, pois Deus não nos criou para vivermos isolados uns dos outros (Gn 2.18). Todos nós precisamos do amor, da ajuda e do apoio dos amigos, dos familiares e dos irmãos na fé (At 2.42). Mesmo assim, tudo isso é insuficiente sem a comunhão diária com Deus Pai, com o Filho e com o Espírito Santo (1Co 1.9; 2Co 13.13; Fp 2.1; 1Jo 1.3,6,7).

Este contraste entre um jovem sábio e um rei velho e insensato, que rejeita conselhos, demonstra quão lastimável é quando um governante torna-se arrogante e fica sem condições de ser líder e servo do seu povo (Ec 4.13-16).

Questionário

- Assinale com “X” as alternativas corretas

1. Eclesiastes

- a) É um livro basicamente idêntico aos demais livros da Bíblia, principalmente os do AT
- b) Apresenta uma história como Juizes; em algumas partes é um “hinário” e uma coletânea de oráculos, como alguns livros proféticos
- c) É uma reflexão acerca da vida e dos problemas humanos
- d) É fruto de um movimento de sábios que influenciou o mundo, a partir do reinado de Saul

2. Liturgicamente, Eclesiastes é um dos cinco rolos da terceira parte da Bíblia Hebraica, era lido na:

- a) Festa do Purim
- b) Festa da Páscoa
- c) Festa das Semanas
- d) Festa dos Tabernáculos

3. É o título do capítulo 3 de Eclesiastes

- a) Os males e as tribulações da vida
- b) Tempo próprio para tudo
- c) Prazeres e riquezas não produzem a felicidade
- d) Tudo é vaidade

- Marque “C” para Certo e “E” para Errado

- 4. Salomão foi um rei incomum e mui dotado, exemplar em todos os aspectos, não permitiu que o pecado tivesse domínio em sua vida
- 5. Eclesiastes afirma: a perfeita execução dos propósitos de Deus é prejudicada pela injustiça e iniquidade

A Sabedoria Prática

➤ Capítulo 5: Vários conselhos práticos.

Aqui encontramos conselhos bons sobre o procedimento na casa de oração.

- ✓ Convém “*guardar o pé*”, andar prudentemente, com respeito e reverência;
- ✓ Convém “*chegar para ouvir*”, porque Deus pode falar-nos mediante o sentido de algum hino, ou pelo ministério que Ele dá para a edificação da sua Igreja;
- ✓ Não abrir a boca precipitadamente, lembrando que na casa de oração fala-se “*diante de Deus*”;
- ✓ Deve-se estar com reverência na casa de Deus (Ec 5.1), e não com desrespeito;
- ✓ Voto é uma forma de promessa solene diante de Deus, que deve ser cumprida (Ec 5.4-6). É melhor deixar de fazer determinado voto, do que fazer e não cumpri-lo;
- ✓ O crente neotestamentário ao participar da Ceia do Senhor (ICo 11.20), está também fazendo um voto de viver em santidade e dedicado a Deus;
- ✓ Buscar os prazeres do pecado depois de fazer tal voto a Deus, atrai a si ira e juízo, pois significa que aquele voto era realmente mentiroso. Mentir a Deus pode resultar em castigo severo (e.g., Ananias e Safira, ver At 5.1-11).

Salomão, ao notar de novo a opressão dos pobres e a injustiça a prevalecer, relembra aos opressores que Deus é o juiz supremo. Ele está sobre todos, e Ele enunciará a sentença final no dia do julgamento (Ec 5.8).

O dinheiro e a abundância de bens terrenos não dão, por si, sentidos à vida e, portanto, não podem promover a verdadeira felicidade (Ec 5.10-17).

Geralmente, o trabalhador honesto, ao chegar à sua casa depois de um dia normal de trabalho, dorme tranquilo, enquanto o rico não consegue conciliar o sono, temeroso que alguma calamidade, ou falha de sua parte, arruíne tudo o que tem. Mas, mesmo sem qualquer prejuízo, o rico nada levará consigo ao morrer. É de lastimar que tantas pessoas trabalhem tanto para enriquecer, quando o principal é acumular tesouros no céu (Mt 6.19-21).

➤ **Capítulo 6: Gozando os bens que Deus dá.**

Aqui lemos do “*homem a quem Deus dá riquezas*” e, contudo, não tem capacidade de gozar da abundância que recebe. Em verdade há bem poucos “*a quem Deus dá riquezas*”, geralmente o rico se enriquece pelo seu muito esforço, e, às vezes, por oprimir o pobre; então ele não está na classe daqueles a quem “*Deus dá riquezas*”.

Um moço rico é uma raridade (salvo por herança) porque o moço ainda não teve tempo de trabalhar e ganhar dinheiro. A riqueza mais legítima de todas é o resultado do próprio esforço, e com o decorrer dos anos alguns podem adquiri-la.

Uma pessoa pode ter tudo que deseja para gozar a vida, e não poder fazê-lo. O desfrute daquilo que alguém possui deve ser conforme o seu correto relacionamento com Deus. Se formos dedicados a Deus e ao seu reino, Ele nos fará desfrutar das suas bênçãos materiais (Ec 6.2).

A morte em idade jovem é lamentável; mas também uma vida longa não é garantia de que a pessoa desfrutará daquilo que Deus lhe deu (Ec 6.3-6).

Uma vida cheia de aflição leva a pessoa a desejar que tivesse morrido ao nascer e assim não sofrer tanto (cf. Jó 3). À luz da eternidade, o que importa é que vivamos para Deus (cf. Ec 12.13,14).

Nosso Deus Onipotente conhece todas as coisas e sabe tudo acerca dos seres humanos. Quão tolo seria o contender com Ele! (Ec 6.10).

➤ **Capítulo 7: Sete coisas melhores.**

O pregador procura um remédio para pecados, tristezas e perplexidades da humanidade:

- 1) *Um bom nome, que é melhor do que o unguento precioso.* Uma mulher muito perfumada nem sempre tem um caráter nobre. Os vizinhos geralmente sabem o valor que uma pessoa tem. Um bom nome custa muito a ganhar, mas pode-se perder num momento. A boa fama significa mais do que uma boa posição social (Ec 7.1); trata-se da verdadeira integridade de caráter, tal pessoa exerce uma mais duradoura influência no caráter do próximo do que aquela cuja preocupação é somente posição social.

- 2) *O dia da morte do crente é melhor do que o dia do seu nascimento* (Ec 7.1), pois marca o início de uma vida muito melhor, junto a Deus (2Co 5.1-10; Fp 1.21-23;). Mas visto que a pessoa não pode morrer sem ter nascido, precisa conformar-se com o menor bem para gozar do melhor. Mas se sabedoria “*debaixo do sol*” não pode encarar a vida com mais satisfação do que isto é claro que necessita ouvir um Evangelho que transforme tanto a vida como a morte, de maneira que, para o cristão, “*o viver é Cristo e o morrer é ganho*”.

- 3) *A casa de luto é melhor do que a casa de festim.*
Porque na casa de luto o crente pode provar, de maneira toda especial, “*as consolações de Cristo*”, enquanto na casa de festim pode esquecer-se de Deus, e cair no pecado, ou embriagar-se.
- 4) *Melhor é a mágoa do que riso, porque a tristeza do rosto torna melhor o coração.* As provações da vida podem ter muito valor para o homem espiritual, porque nelas é que experimenta as consolações de Cristo, e é capacitado a consolar os outros (2Co 1.6).

Salomão contrasta o efeito benéfico da tristeza (Ec 7.2-6) e do sentimento causados por uma sábia repreensão, com as risadas inconvenientes e as piadas levianas dos tolos.

Uma repreensão oportuna e apropriada pode provocar tristeza, mas geralmente ela leva ao arrependimento a pessoa que a recebe.

Uma advertência a tais pessoas sobre os fatos da vida real pode causar um tipo de tristeza que é melhor do que o riso e os divertimentos.

- 5) *A repreensão é melhor do que a canção, no caso de a canção ser dos tolos.* “*Fira-me o justo, isto será uma mercê¹; repreenda-me, isto será como óleo sobre a minha cabeça*” (SI 141.5).
- 6) *O fim é melhor do que o princípio, quando o fim procurado é bom.* “*A esperança prolongada faz adoecer o coração, mas o desejo cumprido é árvore de vida*” (Pv 13.12).

¹ Favor, graça, benefício.

7) *A paciência é melhor do que a arrogância, porque obtém mais resultado; porque desenvolve boas qualidades espirituais; porque agrada mais os vizinhos; porque tem a aprovação de Deus. Salomão nos conclama a perseverar no alcance dos alvos ditados por Deus (cf. Fp 3.13,14), percorrendo o caminho que Ele traçou, seja áspero ou suave (7.8-14).*

Como o apóstolo Paulo, devemos aprender a estar contentes - quer na abundância, quer na necessidade (Fp 4.12). Não sejas demasiadamente justo, nem demasiadamente sábio (Ec 7.16). Este versículo deve ser interpretado à luz de Provérbios 3.7: *“Não sejas sábio a teus próprios olhos; teme ao Senhor e aparta-te do mal”*.

Aqueles que dependerem das suas boas obras para a salvação, e aqueles que se julgam sábios em si mesmos, acabarão se arruinando. O homem necessita da justiça que procede de Deus para regenerar seu coração, e igualmente, da verdadeira sabedoria da parte do Espírito Santo, para compreender a Palavra de Deus.

Não há homem justo sobre a terra, que faça bem e nunca peque (Ec 7.20-22). Este versículo não contradiz a declaração de Deus sobre a retidão de Jó (ver Jó 1.8; 2.3); pelo contrário, exprime a verdade de que *“todos pecaram e destituídos estão da glória de Deus”* (Rm 3.23; cf. 3.10-18).

Disse: sabedoria adquirirei; mas ela ainda estava longe de mim (Ec 7.23-28). Os que buscam a verdadeira sabedoria somente através do seu raciocínio, não a encontrarão. O empecilho aqui provém da “mulher” do versículo 26, que é a personificação da sedução, da imoralidade e da iniquidade. Ela é exatamente o inverso da mulher como personificação da sabedoria, em Provérbios 8.1-4.

Os pecadores não conseguem encontrar a verdadeira sabedoria porque estão dominados pela iniquidade, mas os que agradam a Deus mediante a fé e a obediência obtêm a sabedoria divina e se libertam da escravidão do pecado.

Os versículos 25-29 de Eclesiastes 7, tratam de coisas que o pregador achou, coisas procuradas e não procuradas. Que tipo de homem ele procurou não está muito claro, mas ao menos achou um em mil, mas procurando entre as mulheres, nem isso encontrou. E, contudo, não está muito claro o que procurava.

Normas Para uma Vida Feliz

➤ **4 Capítulo 8: Valores morais.**

Neste capítulo temos três assuntos:

1. O dever dos súditos (Ec 8.1-5).

As potestades existentes são ordenadas por Deus. Isto quer dizer que Deus tem determinado haver governo neste mundo. Quem exercita o poder pode ser de Deus ou pode não ser. Por isso a atitude do crente é a submissão ao governo civil.

Observa o mandamento do rei (Ec 8.2). O rei representa, aqui, o governo humano, instituído que foi por Deus. Governantes, quando servos de Deus, motivam o povo a viver em retidão. A Palavra de Deus nos ordena a obedecer às leis justas do governo (ver Rm 13.1; Tt 3.1; 1Pe 2.13-18).

2. O destino dos tiranos (Ec 8.6-8).

No governo de Deus vemos uma severa consistência, que deve nos impressionar. Há motivo atrás de toda a providência que o homem sábio há de discernir (Ec 8.6).

3. A demora da justiça (Ec 8.9-13).

A justiça permanece embora as piores iniquidades prevaleçam (Ec 8.9-10), e embora alguns confiados por causa da demora pequem (Ec 8.11). Mas, afinal, chegará uma justa retribuição a todos (Ec 8.12,13). Então a iniquidade será julgada e a justiça vindicada.

No mundo, comumente parece que o mal triunfa e que os pecadores escapam ilesos, sem castigo (cf. SI 73). Deus, porém, nos assegura que chegará o dia do justo castigo dos malfeitores¹ (Ec 8.13).

➤ **Capítulo 9: Pensamentos pessimistas.**

Salomão reconheceu que, por mais sábio que o homem for não consegue pela sua sabedoria explicar todas as obras de Deus ou os métodos da sua providência (Ec 8.17).

Eclesiastes 9.2 parece ser o gemido de um pessimismo crônico: *“Tudo sucede igualmente a todos”*. Sim, com certeza, todos podem apanhar a mesma infecção contagiosa, mas a atitude e reação de cada um podem ser bem diferentes.

Salomão observa aqui, sob o prisma desta vida, que a morte é inevitável. Sob este enfoque, não parece justo que a morte sobrevenha a todos indistintamente, aos justos e injustos.

O versículo 5 certamente é conhecido *“debaixo do sol”*: *“os mortos não sabem coisa alguma, nem tampouco têm, daí em diante, recompensa”*. Com isso podemos contrastar o *“partir e estar com Cristo”* do apóstolo Paulo.

¹ Aquele que comete crimes ou delitos condenáveis; celerado, facinoroso, facínora.

Come com alegria o teu pão e bebe com bom coração o teu vinho (Ec 9.7). Embora a morte sobrevenha a todos, e “*que o tempo e a sorte pertencem a todos*” (Ec 9.11), nós que aqui vivemos para agradar a Deus (ITs 4.1; cf. Rm 12.2) devemos continuar a desfrutar daquilo que Ele nos deu. O “vinho” (hb. *yayin*) aqui referido significa, sem dúvida, o suco doce, de uva, recém-espremido.

Faze-o conforme as tuas forças (Ec 9.10). Seja qual for a tarefa que empreendemos, devemos realizá-la com todo esforço, como para o Senhor (ver Cl 3.23).

Nos versículos 14 e 15 temos o incidente da cidade pequena e o pobre sábio que a livrou. Ele sabia como fazê-lo, e mais ninguém sabia, e ninguém cria que ele soubesse, por isso o desprezaram e não o atenderam (Ec 9.16). Mas ele sabia como livrar, e a livrou. A força da pequena guarnição¹ (inteiramente insuficiente) não era necessária: a sabedoria era melhor do que o armamento (Ec 9.18), e há sempre alguns que querem escutar o homem sábio, pois “*a sabedoria é justificada pelos seus filhos*”. Ninguém se lembrava daquele pobre homem (Ec 9.15). Nesta parábola, uma pequena cidade estava sitiada por um grande exército. A situação era certamente desesperadora (Ec 9.14). Um sábio pobre, no entanto, elaborou um plano e a cidade foi poupada. Tudo indica que outra pessoa recebeu o crédito pelo livramento da cidade, e o sábio, talvez por ser pobre, foi esquecido.

Podemos aplicar tudo isso a Cristo: pobre (2Co 8.9); sábio (ICo 1.24); homem (Fp 2.7); desprezado (Is 53.3); Ele libertou a cidade da alma humana do príncipe deste mundo (Hb 2.14,15).

¹ Aquilo que garante; guarnecimento.

➤ **Capítulo 10:** *A loucura é causa de muitas desgraças.*

Assim como mosca morta, pela putrefação, estraga muito perfume (Ec 10.1), assim também um pouco de insensatez pode destruir os bons efeitos de muita sabedoria. Os planos podem ser ótimos, mas o imprudente pode com um só de seus erros estragar todos eles (ver 2Rs 20.12-18).

Quem fizer uma cova cairá nela (Ec 10.8- 10). A sabedoria leva em conta os riscos e as dificuldades da vida com suas tarefas cotidianas. O sábio evita danos, porque sabe o que pode acontecer e se acautela dos perigos ocultos.

Notemos o versículo 16: *“Ai de ti, ó terra, cujo rei é criança”* e apliquemo-lo aos nossos tempos, e digamos: *“Ai da igreja local que põe neófitos no governo!”*. E um quadro crítico quando os governantes e dirigentes são pueris² e quando os executivos com seus auxiliares iniciam o dia dando vazão a seus apetites, provavelmente em bebedeiras (cf. Ec 10.17).

➤ **Capítulo 11:** *Façamos o que é bom no tempo oportuno.*

“Lança o teu pão sobre as águas” (Ec 11.1). Um dos sentidos da palavra hebraica traduzida por “pão” é o grão usado em panificação.

A referência aqui pode ser ao costume egípcio de espalhar sementes ou grãos sobre as águas que inundavam suas terras anualmente, quando o rio Nilo transbordava. Parecia que aqueles grãos ficavam soterrados e esquecidos, mas no devido tempo surgia a colheita. Podemos aplicar esse fato à nossa disposição de ser generosos e prestimosos (Ec 11.2).

¹ Principiante, novato.

² Ingênuo, fútil, frívolo.

Quem observa o vento nunca semeará (Ec 11.4). Estamos num mundo em que quem ficar aguardando condições ideais para dar início a um empreendimento, nunca fará nada (cf. Mt 24.7-14). Nunca haverá condições perfeitas durante a presente era.

Por todas essas coisas te trará Deus a juízo (Ec 11.9). Deus quer que seu povo se alegre e que os jovens desfrutem da sua juventude. Mas todo esse regozijo deve ser moderado pelo reconhecimento de que Deus responsabilizará cada um por seus atos pecaminosos.

Conclusão (Ec 12)

O mancebo é exortado a regozijar-se e andar pelo caminho do seu coração lembrando-se, porém, de que Deus afinal há de julgar nosso procedimento.

Lembra-te do teu criador nos dias da tua mocidade (Ec 12.1-7). “Lembrar-se”, na Bíblia, sempre subentende ação; e.g., quando Deus se “lembrou” de Abraão (Gn 19.29), Ele interveio na sua vida para o seu bem. Por isso, lembrar-nos do nosso Criador importa em agir da maneira que Ele estabeleceu quando nos criou.

De Deus vem a vida, e com ela as oportunidades que nos advêm com a juventude. E somente com a ajuda do Espírito Santo que conseguimos “lembrar-nos” de Deus, à medida que somos revestidos “do novo homem, que, segundo Deus, é criado em verdadeira justiça e santidade” (Ef 4.24); e devemos, assim, viver antes que venha a morte.

Os versículos 3-7 apresentam um quadro vivido do processo de envelhecimento do corpo físico, processo este que culmina na morte. Há conforto,

porém, no fato de que nossa pessoa interior “*se renova de dia em dia*” (2Co 4.16).

O capítulo 12 pinta um quadro da velhice. A alegoria fala de:

- x Nosso espírito, alma, sentidos, e provações (Ec 12.2);
- x Membros enfraquecidos, dentes cariados, e vista curta (Ec 12.3);
- x Pouco sono, e voz enfraquecida (Ec 12.4);
- x Cabelo branco, e fraqueza geral (Ec 12.5); e então com uma figura notável, descreve a dissolução final (Ec 12.6). Corpo e alma, cada um tomando o seu destino (Ec 12.7).

Nesta descrição há alguma coisa ao mesmo tempo triste e sublime, pois, embora o homem exterior pereça, o homem interior pode e deve ser renovado diariamente, de maneira que quando o corpo finalmente falece, o espírito possa gloriosamente triunfar. “*E lembrando-nos disto; a renovação espiritual não é do corpo, mas por meio do corpo*”.

O pó volte à terra... o espírito volte a Deus (Ec 12.7). Este versículo faz uma distinção entre o aspecto da pessoa humana que fica na terra, no momento da morte, e o que volta a Deus.

As palavras dos sábios são como agulhões (Ec 12.11). As sábias palavras da verdade, provenientes do único Pastor divino agem:

- x Como vara de ferrão (isto é, vara com agulhão) para nos conservar no caminho certo;
- x Como pregos para fixar a verdade em nossa mente.

A Palavra de Deus, portanto, é muito mais valiosa do que todos os livros do saber humano. Teme a Deus e guarda os seus mandamentos (Ec 12.13). Todo

o livro de Eclesiastes deve-se interpretar segundo o contexto deste seu penúltimo versículo.

Salomão começou com uma avaliação negativista da vida *como* vaidade, algo irrelevante, mas no fim ele conclui com um sábio conselho, a indicar onde se pode encontrar o sentido da vida.

A mensagem final do livro de Eclesiastes faz-nos lembrar de uma verdade solene e inalterável: a prestação de contas do ser humano perante Deus, por todos os seus atos. O Senhor julgará a todos nós, crentes e incrédulos, isto é, todos os nossos atos, bons e maus (cf. Rm 14.10,12; 2Co 5.10; Ap 20.12,13).

Questionário

- Assinale com “X” as alternativas corretas

6. É coerente dizer que: Eclesiastes 5 possui conselhos bons sobre o
- a) Procedimento na casa de oração
 - b) Andar sem vaidade
 - c) Descontentamento com as coisas deste mundo
 - d) Tempo determinado
7. E o capítulo de Eclesiastes que aborda valores morais, divididos em três assuntos: o dever dos súditos; o destino dos tiranos e a demora da justiça
- a) Eclesiastes 5
 - b) Eclesiastes 6
 - c) Eclesiastes 7
 - d) Eclesiastes 8
8. É uma das frases mais conhecidas de Eclesiastes 12, a saber:
- a) Lança o teu pão sobre as águas
 - b) Quem observa o vento nunca semeará
 - c) Lembra-te do teu criador nos dias da tua mocidade
 - d) Ai de ti, ó terra, cujo rei é criança

Marque “C” para Certo e “E” para Errado

9. O dia do nascimento do crente é melhor do que o dia de sua morte (Ec 7.1)
10. Há uma afirmação em Eclesiastes: melhor é o riso do que a mágoa, porque a alegria do rosto torna melhor o coração

Lição

O Livro de Cantares de Salomão

	Autor: Provavelmente Salomão.
	Data: Cerca de 960 a.C.
Cantares	Tema: O Amor Conjugal.
	Palavras-Chave: Amor. jardim, casa materna.
	Versículo-Chave: Ct 6.3 e 8.6-7.

No volume sagrado que nos transmite a mensagem que incendeia a esperança do amor de Deus, Cantares de Salomão é o único livro que tem o amor como seu tema exclusivo.

O assunto é manuseado com grande habilidade e introspecção, numa série de dramáticos cânticos, centralizada num único casal e ligada pelo aparecimento e reaparecimento de grupos subordinados, tais como “*as filhas de Jerusalém*” (Ct 1.5; 2.7; 5.8,16), e “*os guardas*” (Ct 3.3; 5.7), bem como pela repetição de estribilhos significativos (por exemplo, Ct 2.7; 3.5; 8.4; 2.17; 4.6; 2.16; 6.3; 7.10).

Os cânticos são embelezados pela rica imaginação oriental, e contém lindas descrições de cenas naturais.

Em nenhuma parte da Escritura a mente sem espiritualidade pisa terreno tão misterioso e incompreensível como neste livro. No entanto, os mais piedosos têm achado nele uma fonte de gozo espiritual.

Que o amor do divino Marido seguisse todas as analogias da relação matrimonial, parece mal somente às mentes tão depravadas, que o desejo marital em si parece-lhes profano. A interpretação é dupla:

Primeiro: o livro é a expressão do coração de Jeová para com Israel, a esposa terrestre (Os 2.1-23, etc.), atualmente repudiada, mas para ser restaurada; contudo, não é a nação inteira, mas um restante (Is 10.21, etc.), o Israel espiritual dentro de Israel (Rm 9.6-8). A segunda e mais ampla interpretação é que apresenta Cristo, o Filho, e sua noiva celestial, a Igreja (2Co 11.1-4, etc.).

Neste sentido, o livro tem seis divisões:

1. A noiva contemplada em tranqüila comunhão com o Noivo (Ct 1.2 - 2.7);
2. Um lapso¹, e a restauração (Ct 2.8 - 3.5);
3. Gozo de comunhão (Ct 3.6 - 5.1);
4. Separação de interesse - a noiva satisfeita, o Noivo trabalhando para os outros (Ct 5.2-7);
5. A noiva procurando e testemunhando (Ct 5.6 - 6.3);
6. Comunhão ininterrupta (6.4 - 8.14).

O título hebraico deste livro pode ser traduzido literalmente por “O Cântico dos Cânticos”, expressão esta que significa “O Maior Cântico” ou “Melhor dos Cânticos” (assim como “Rei dos reis” significa “O Maior Rei”). É, portanto, o maior cântico nupcial já escrito. Significa o melhor dos 1005 cânticos de Salomão (IRs 4.32); “Cânticos de Salomão” (latim). Um nome alternativo, Cantares, deriva da Vulgata.

Os oito capítulos do livro fazem referência a pelo menos quinze espécies diferentes de animais e

¹ Erro cometido por descuido, distração, ou esquecimento; engano involuntário.

vinte e uma espécies de plantas. Esses dois campos foram investigados e mencionados por Salomão em numerosos outros cânticos (IRs 4.33).

Finalmente, há referências geográficas no livro de lugares de todas as partes da terra de Israel, o que sugere que o livro foi composto antes da divisão da nação em Reino do Norte e Reino do Sul. Salomão deve ter composto este livro no início do seu reinado, muito antes de sua execrável¹ poligamia.

Liturgicamente, Cantares de Salomão veio a ser um dos cinco rolos da terceira parte da Bíblia hebraica, os *Hagiographa* (“Escritos Sagrados”). Cada um desses rolos era lido publicamente numa das festas anuais dos judeus. Este era lido na Festa da Páscoa.

O Autor

Salomão foi um escritor prolífico² de 1005 cânticos (IRs 4.32). Seu nome consta no versículo inicial, que também fornece o título do livro (Ct 1.1), e em seis outros trechos do livro (Ct 1.5; 3.7,9,11; 8.11,12). O escritor também se identifica com o noivo; é possível que o livro tenha sido originalmente uma série de poemas trocados entre ele e a noiva.

O título pode significar que o livro de Cantares foi composto por Salomão ou a respeito dele. A tradição uniformemente favorece a primeira interpretação.

Alguns eruditos modernos, entretanto, têm mantido que o grande número de vocábulos estrangeiros, encontrados no poema, não ocorreriam na literatura de Israel antes do período pós-exílico.

¹ Abominável, detestável.

² Que tem faculdade de gerar; fecundante.

Outros, pensam que os contatos generalizados de Israel com nações estrangeiras, durante o reinado de Salomão, explicariam suficientemente a presença dessas palavras no livro. Se esse ponto de vista for aceito, e, se for suposto que existem apenas dois personagens principais nos Cantares, parece não haver qualquer motivo substancial para pôr de lado o ponto de vista tradicional sobre a autoria. Mas, se seguirmos Ewald, o qual afirmava que existe um pastor amante em adição (ver Interpretação), a crença na autoria de Salomão dificilmente pode ser mantida, e é impossível dizer quem foi o autor do livro.

Ocasão e Data

Embora Cantares não forneça informações precisas sobre o contexto, Salomão reinou em Israel de 970 a 930 a.C.

Linguagem e ideais similares também são encontrados na oração que Davi fez no templo por Salomão e pelo povo durante a entronização de Salomão (1Cr 29).

As referências geográficas decididamente favorecem uma data anterior a 930 a.C. O autor menciona de maneira indiscriminada localidades tanto do Reino do Norte como do Reino do Sul: Engedi, Hermom, Carmelo, Líbano, Hesbom e Jerusalém. São mencionadas como se pertencessem a uma única área política.

Nota-se que Tirza é mencionada como sendo uma cidade de especial glória e beleza, e isto juntamente com Jerusalém (Ct 6.4). Se estas palavras tivessem sido escritas depois de Tirza ter sido escolhida como primeira capital do norte depois de ter sido rejeitada a autoridade da dinastia davídica, é difícil crer que teria sido citada em termos tão

favoráveis. Do outro lado, é altamente significativo que Samaria, cidade fundada por Onri, algum tempo entre 885 e 874, não tenha recebido nenhuma citação em Cantares.

A julgar da evidência interna, o autor nada sabia duma separação da monarquia hebraica em Reino do Norte e Reino do Sul. Isto se reconcilia facilmente com uma data de composição no décimo século, antes de 931 a.C.

Mesmo depois da volta do Cativo, nenhum judeu da província da Judéia teria se referido de maneira tão indiscriminada a localidades destacadas nas áreas não-judaicas da Palestina que já estavam sob o domínio de gentios ou de samaritanos.

É verdade que a área inteira foi reunida sob o reinado dos reis hasmoneanos, João Hircano e Alexandre Janeu, mas a evidência dos fragmentos da quarta caverna de Qumran indica que Cantares já existia na sua forma final, escrita antes do começo da revolta macabéia em 168 a.C.

É interessante notar que mesmo um estudioso liberal como R. Gordis sente que é justificável asseverar que Cantares 3.6-11 é “a poesia mais antiga da coletânea inteira, sendo composta na ocasião de um dos casamentos de Salomão com uma princesa estrangeira”.

Interpretação

Judeus devotos desde o primeiro século de nossa era têm considerado os Cantares como uma alegoria que representa as relações de Jeová com Israel. Já o rabino Akiba afirmou que esse livro era um presente de inestimável valor para Israel e o mais santo de todos os escritos sagrados.

A exegese cristã, desde os dias de Orígenes tem visto nas cenas do livro a representação do amor de Cristo para com Sua Igreja. Delitzsch mantinha que Cantares é um diálogo dramático em que Salomão e a sulamita são os personagens principais. Seu amor tipifica o amor de Cristo e da Igreja.

Ewald, conforme foi indicado acima, tomou uma diferente linha de interpretação. Ele interpretou “o amado” como um pastor amante de quem a jovem estava noiva, antes de ser capturada e trazida para o palácio por um dos servos de Salomão. Depois dela ter resistido com sucesso a todas as tentativas do rei para conquistar sua afeição, ela é libertada e se reúne a seu amante, com quem ela aparece na cena final.

Aqueles que adotam esta interpretação vêem em Salomão um tipo do mundo, e vêem no pastor um tipo de Cristo. A jovem representa a alma fiel que lealmente preserva a sua fé, seu amor e sua obediência, a despeito da pressão da tentação, resistindo a tudo como se visse o invisível.

Quanto a este ponto de vista, as diversas seções de Cantares podem ser entendidas como segue:

- **Cantares 1.2 - 2.7.** A jovem relembra seu amado, no palácio onde Salomão promete adorná-la de jóias;
- **Cantares 2.8 - 3.5.** A jovem relembra uma visita feita certa ocasião por seu amado e um sonho que se seguiu a isso;
- **Cantares 3.6 - 4.7.** A jovem é novamente visitada e louvada por Salomão;
- **Cantares 4.8 - 5.1.** Imperturbável, a jovem relembra as palavras de seu amado e antecipa seu dia de casamento com ele;
- **Cantares 5.2 - 6.3.** A jovem relata um sonho e descreve seu amado;

- **Cantares 6.4 - 7.9.** A jovem recebe mais uma visita de Salomão, que faz nova tentativa de conquistar sua afeição;
- **Cantares 7.10-8.3.** A jovem, mantendo sua lealdade a seu amado ausente, anseia por sua companhia;
- **Cantares 8.4-14.** A jovem retorna para casa com seu amado, e declara-lhe sua fidelidade.

Têm sido feitas tentativas para mostrar a existência de um coro nos Cantares, mas não conseguem convencer devido à ausência de indicações sobre isso no próprio livro.

A teoria de que os Cantares é uma coleção de cânticos que eram cantados por ocasião das celebrações de casamento, apesar de poder lançar alguma luz sobre a estrutura de certas porções do poema, divide o relato por causa da evidente unidade do livro.

Considerações

É o amor fiel visto numa mulher que, apesar de sujeita às tentações de uma corte oriental, permanece fiel ao seu primeiro amor. Ela, uma menina do norte, atrai a atenção do rei que a traz para Jerusalém e lhe oferece todo tipo de persuasão para que se torne a esposa do rei. Mas, após a recusa final lhe é permitido retornar à sua terra e ao seu amor, um pastor que vive no campo.

O significado:

- ✓ Para os judeus daquela época era um apelo à pureza de vida, um retorno àqueles relacionamentos que Deus ordenou entre o homem e a mulher. Era um projeto contra a poligamia que

havia se tornado quase universal. Na verdade, era considerada como uma apresentação de toda a história de Israel. Havia freqüentemente se afastado de Deus assim como aquela jovem fora tentada a se afastar do seu amor.

- ✓ Para os cristãos é apresentada como uma alegoria de Cristo e Sua Igreja, O Noivo e a Noiva, a plenitude do amor que une o crente e o seu Salvador. O crente não deve submeter-se às tentações do mundo e ser infiel a Jesus. Assim, a atitude da jovem ilustra a verdadeira atitude cristã.
- ✓ Para todo o mundo é mostrada a pureza e a constância do amor de uma mulher e a devoção aos seus ideais. Fornece um ideal que, se atingido da maneira própria, expulsaria da sociedade humana todas as práticas monstruosas que procedem de ideais indignos. Ele purifica a relação entre os sexos e nos salvaria da ruína do pecado social.
- ✓

O estilo é em parte diálogo e em parte monólogo. O amor entre eles é expresso de um modo sensual, bastante comum entre os povos orientais. A maior parte dos indícios leva a crer que foi escrito para comemorar as núpcias de Salomão e a filha de Faraó.

É um tipo de drama com três personagens principais: Salomão, a jovem sulamita e o seu amado. O tipo do livro é um poema dramático.

Este livro foi inspirado pelo Espírito Santo e inserido nas Escrituras para ressaltar a origem divina da alegria e dignidade do amor humano no casamento. O livro de Gênesis revela que a sexualidade humana e casamento existiam antes da queda de Adão e Eva (Gn 2.18-25).

Embora o pecado tenha maculado essa área importante da experiência humana, Deus quer que saibamos que a dita área da vida pode ser pura, sadia e nobre. Cantares de Salomão, portanto, oferece um modelo correto entre dois extremos através da história:

- ✓ O abandono do amor conjugal para a adoção da perversão sexual (isto é, conjunção carnal de homossexuais ou de lésbicas) e prática heterossexual fora do casamento;
- ✓ Uma abstinência¹ sexual, tida (erroneamente) como o conceito cristão do sexo, que nega o valor positivo do amor físico e normal conjugal.

Cantares de Salomão é uma história de amor, que glorifica o amor puro e natural e focaliza a simplicidade e a santidade do matrimônio.

O significado típico desta história pode inferir-se do fato de que sob a figura da relação matrimonial se descreve o amor de Jeová para com Israel (veja Os 1-3; Is 62.4), e o amor de Cristo para com a Igreja (Mt 9.15; 2Co 11.2; Ef 5.25; Ap 19.7; 21.2).

Não é fácil analisar o conteúdo de Cantares de Salomão. Ao invés de ele avançar de modo sistemático e lógico, do primeiro ao último capítulo, movimenta-se numa série de círculos interligados, que por sua vez giram em torno do tema central - o amor.

Como cântico, tem seis estrofes ou poemas, cada uma das quais trata de determinado aspecto do amor de noivado, ou do amor conjugal entre o noivo e sua noiva (Ct 1.2-2.7; 2.8-3.5; 3.6-5.1; 5.2-6.3; 6.4- 8.4; 8.5-14).

¹ Privação, forçada ou não, de contatos sexuais; continência:

² Grupo de versos que apresentam, comumente, sentido completo; estança.

O estado virgem da noiva é descrito pela expressão “*jardim fechado*” (Ct 4.12), e a consumação do casamento como entrar no jardim para colher seus frutos excelentes (Ct 4.16; 5.1).

A maioria dos diálogos transcorre entre três tipos de personagens: a noiva (uma donzela sulamita); o noivo, o pastor; e um grupo de amigas da noiva e do noivo chamadas “*filhas de Jerusalém*”. Quando a noiva e o noivo estão juntos, sentem-se plenamente felizes; quando estão longe, anseiam pela presença um do outro. O apogeu¹ literário de Cantares acha-se no capítulo 8, versículos 6 e 7.

As Mensagens de Cantares de Salomão

=> *Acerca do amor humano.*

O amor é a mais nobre expressão do coração humano. Aqui, encontramos algumas lições fundamentais sobre ele:

- Sua base. É a satisfação mútua (Ct 2.2-3). O amor de um complementa o amor do outro e faz com que o amor de qualquer outra pessoa seja excluído;
- Sua força. É indestrutível (Ct 8.6-7) e é um fogo inextinguível;
- Sua bênção. É uma fonte de alegria, descanso, paz, e coragem;
- Sua grandeza. É a maior coisa no relacionamento humano e também a maior na religião. Constitui o mais alto valor definitivo da vida.

¹ O mais alto grau; o auge.

=> *Acerca da religião.*

São três as sugestões:

- A nossa religião é primeiramente uma religião de amor. Isso se tornará mais claro se aplicarmos a esse pensamento a base, a força, etc., dadas acima;
- O amor humano é santificado pela religião que o encara fora do círculo da luxúria¹;
- A vida religiosa tem a sua melhor expressão nos termos do amor humano, tais como afeto, auto- renúncia, fidelidade, etc.

Questionário

- Assinale com “X” as alternativas corretas

1. É contraditório afirmar que

- a) Em Cantares, os cânticos são embelezados pela rica imaginação ocidental, e contém lindas descrições de cenas urbanas e rurais
- b) É o tema de Cantares: “o amor conjugal”
- c) Existe uma interpretação de Cantares como a expressão do coração de Jeová para com Israel, a esposa terrestre, atualmente repudiada, mas para ser restaurada; contudo, não é a nação inteira, mas um restante, o Israel espiritual dentro de Israel
- d) Há uma interpretação de Cantares que apresenta Cristo, o Filho, e sua noiva celestial, a Igreja

¹ Incontinência, lascívia; sensualidade. Dissolução, libertinagem.

2. O estilo de Cantares
 - a) É em parte diálogo e em parte prólogo
 - b) É somente diálogo
 - c) É em parte diálogo e em parte monólogo
 - d) É somente monólogo
 3. Aponte para alternativa que falta com coerência
 - a) Cantares é uma história de amor, que glorifica o amor puro e natural e focaliza a simplicidade e a santidade do matrimônio
 - 2- b) Cantares tem um conteúdo simples e fácil para análise. Ele avança de modo sistemático e lógico
 - c) Cantares foi inserido na Bíblia para ressaltar a origem divina da alegria e dignidade do amor humano no casamento
 - d) Cantares nos ensina que a base do amor é a satisfação mútua
- Marque “C” para Certo e “E” para Errado
4. A exegese cristã, desde os dias de Orígenes tem visto nas cenas do livro de Cantares a representação do amor de Cristo para com Sua Igreja
 5. Em Cantares, o estado virgem da noiva é descrito pela expressão “jardim fechado”

Características Especiais

Na qualidade de poema hebraico, estes cantares passam repentinamente de personagem para personagem, e de cena para cena.

A identificação é feita geralmente pelos pronomes usados. Nomes dos personagens principais: Noivo (masculino, Príncipe da Paz) e sulamita, a noiva (feminino, Pretendente da Paz) corresponde, por exemplo, a Júlio e Júlia, Mário e Maria.

Os laços matrimoniais são uma figura favorita usada por muitos dos profetas e dos apóstolos para representar a relação de Deus para com o Seu povo. Quatro características principais assinalam Cantares de Salomão:

- 1) E o único livro na Bíblia que trata exclusivamente do amor especificamente conjugal.
- 2) E uma obra-prima incomparável da literatura, repleta de linguagem imaginativa, discreta, mas realista; tomada principalmente do mundo da natureza. As várias metáforas e a linguagem descritiva retratam a emoção, poder e beleza do amor romântico e conjugal, que era puro e casto entre os judeus, o povo de Deus dos tempos bíblicos.
- 3) É um dos poucos livros do Antigo Testamento de que não se faz referência no Novo Testamento.
- 4) Neste livro, consta apenas uma vez o nome de Deus, em Cantares 8.6, mas a inspiração divina permeia o livro, principalmente nos seus símbolos e figuras.

Ensinamentos Notáveis

A filha mais velha de uma família pobre era responsável pela maior parte do serviço. Ela apascentava os cordeiros e lavrava a vinha da família, que pertencia ao Rei Salomão. Um dia o estranho partiu, prometendo voltar. Ela creu nele, confiou nele, e esperou o cumprimento da promessa.

Aparentemente, ninguém mais na vila o esperava. Ela esperou por muito tempo, e frequentemente sonhava. E certo dia ele voltou mesmo, à testa de gloriosa procissão, e proclamou-a como sua esposa.

Outra interpretação, dada por algumas pessoas, é de que a sulamita era a noiva de Salomão. Alguns argumentam que deve ter sido a filha de Faraó; outros que era a bela Abisague, com quem Salomão possivelmente casou-se no começo do seu reinado (IRs 1.3; 2.20-25).

Aspectos Interessantes

- ✓ Suném era uma aldeia na encosta sudoeste do pequeno Hermom;
- ✓ Este livro era sempre lido na Festa da Páscoa dos Judeus;
- ✓ Alguns consideravam o livro como uma coleção de cânticos para serem entoados numa festa de casamento.

Chave de Compreensão

Ao ler este livro o estudante deve recordar-se de que está lendo um poema oriental, e que os orientais usam uma linguagem clara nas mais íntimas

das questões - uma clareza de linguagem estranha e algumas vezes desagradável à maioria dos ocidentais. Por mais delicada e íntima que seja a linguagem em muitas partes do livro, deve notar-se que não há nada que ofenderia ao mais modesto oriental.

Uma verdadeira apreciação do valor de Cantares é reservada para aqueles cujo coração está inteiramente entregue a Cristo. Para eles, a relação é bem inteligível, e as verdades, cristalinas.

Cantares Ante o Novo Testamento

Cantares de Salomão prenuncia um tema do Novo Testamento revelado ao escritor de Hebreus: “ *Venerado¹ seja entre todos o matrimônio e o leito sem mácula*” (Hb 13.4). O cristão pode e deve desfrutar do amor romântico e conjugal.

Muitos intérpretes do passado abordam este livro primordialmente como uma alegoria profética do amor entre Deus e Israel, ou entre Cristo e a Igreja, sua noiva.

O Novo Testamento não se refere a Cantares de Salomão sobre este aspecto, nem faz referência a este' livro. Por outro lado, vários trechos básicos do Novo Testamento descrevem o amor de Cristo à Igreja sob a figura do relacionamento marital (2Co 11.2; Ef 5.22,23; Ap 19.7-9; 21.2,9). Daí pode-se considerar Cantares de Salomão uma ilustração da qualidade de amor existente entre Cristo e a sua noiva, a Igreja.

É um amor indiviso², devotado e estritamente pessoal, ao qual nenhum estranho tem acesso.

¹ Ato ou efeito de venerar; reverência; respeito, admiração, consideração.

² Não dividido, não divíduo; indivíduo.

Cristo Revelado

Em Cantares de Salomão, como em outras partes da Bíblia, o jardim do Éden, a Terra Prometida, o tabernáculo com sua arca da aliança, o templo de Salomão, os novos céus e a nova terra estão todos relacionados com Jesus Cristo, logo, não é apenas uma questão de escolher uns poucos versos que profetizam sobre Cristo. A verdadeira essência da história e do amor da aliança é reproduzida nEle (Lc 24.27; 2Co 1.20).

O Espírito Santo em Ação

De acordo com Romanos 5.5, *“o amor de Deus está derramado em nosso coração pelo Espírito Santo”*. Baseado em Jesus Cristo, o Espírito Santo é o poder de ligação e união do amor. A feliz unidade revelada em Cantares é inconcebível à parte do Espírito Santo. A Própria forma do livro como cântico e símbolo é adaptada especialmente ao Espírito, pois Ele mesmo faz uso de sonhos, linguagem figurada e o canto (At 2.17; Ef 5.18-19).

Um jogo de palavras sutil, baseado no *“sopro”* divino do fôlego da vida (o Espírito Santo SI 104.29-30) de Gênesis 2.7 parece vir à tona em Cantares. Isso acontece em *“antes que refresque o dia”* (Ct 2.17; 4.6), no *“assoprar”* do vento no jardim da sulamita (Ct 4.16) e, surpreendentemente, na fragrância da respiração e do fruto da macieira (Ct 7.8).

Capítulo 1

=> *Cântico dos Cânticos (1.1)*.

Este é o título que o próprio texto hebraico atribui a este livro. Significa o melhor ou o mais

grandioso dos cânticos. Dos 1005 cânticos que Salomão cantou (IRs 4.32) este foi o único inspirado e escolhido por Deus para fazer parte do cânon.

=> *Como as tendas de Quedar (1.5).*

Estas tendas eram geralmente feitas de pêlos negros de cabra. Quedar era uma tribo árabe, constituída de descendentes de Ismael (Gn 25.13; cf. Is 21.16,17); por isso, alguns estudiosos entendem que a noiva do livro de Cantares seria uma princesa árabe.

=> *“A vinha que me pertence não guardei” (1.6).*

Os cruéis irmãos da donzela forçaram-na a guardar e cuidar de suas vinhas, algo que ela nem fizera pela sua própria vinha. Esse trabalho em pleno sol pode ser a razão de ela ter pele escura, a contrastar com as beldades de Jerusalém; ainda assim, o trabalho duro não extinguiu sua verdadeira beleza (v. 5).

Observando os versículos 5 e 6, fica difícil admitir a versão de que a jovem aqui referida fosse a filha de Faraó (IRs 3.1). Essa donzela sulamita foi, sem dúvida, a princesa que Salomão amou inicialmente, e com quem se casou, para então mais tarde unir-se em casamento com outras mulheres, para selar alianças políticas (IRs 11.1,2).

=> *“Amiga minha” (1.9).*

O hebraico diz aqui literalmente ‘companheira’ (ver também Ct 2.10; 4.1,7; etc). Era um termo carinhoso empregado antes do casamento. A alusão a cavalos era, no contexto histórico da época, um elogio.

=> *Enfeites de ouro... com pregos de prata (1.11).*

Em contraste com suas roupas humildes de pastora, ela seria adornada com jóias de ouro e prata.

=> *O meu nardo*¹ (1.12).

O nardo é um ungüento² perfumado à base de uma erva aromática do Himalaia (uma das razões do perfume de nardo ser tão caro, como se vê no caso descrito em João 12.1-7, era por ser de procedência extremamente longínqua, pois o Himalaia fica na Ásia Central, a milhares de quilômetros de Israel, numa imensa cordilheira de difícil acesso).

=> *“O meu amado é para mim um ramalhete de mirra”* (1.13).

Mirra é uma resina aromática extraída da casca de uma árvore balsâmica que cresce na Arábia e na Índia. O ramalhete de mirra era provavelmente um saquinho de perfume.

O texto hebraico do restante do versículo indica que a mirra, e não o amado, é que permaneceria entre seus seios. Noutras palavras, ela estaria pensando nele, o que a faria sentir-se bem, assim como fazia a mirra.

=> *“Cacho de Chipre”* (1.14).

Trata-se do arbusto hena, cujas flores produzem uma tinta alaranjada e de fragrância agradável.

=> *“Olhos... como os das pombas”* (1.15).

Esta comparação deve referir-se à inocência. A sulamita não tem olhar sedutor, do tipo que suscita emoções impuras.

¹ Planta herbácea, da família das valerianáceas (*Nardostachys jatamansi*), originária da Ásia, cujo rizoma, aromático, foi muito empregado pelos antigos em perfumaria.

² Designação comum, outrora, a certas drogas ou essências com que se perfumava o corpo.

Capítulo 2

=> ***“Eu sou a rosa de Sarom, o lírio dos vales” (2.1).***

Aqui fala a donzela sulamita; ela se compara às flores simples dos campos, pois não está acostumada à aristocracia¹ de Jerusalém.

Sarom é a planície litorânea imediatamente ao sul do monte Carmelo.

=> ***“Sustentai-me com passas, confortai-me com maçãs” (2.5).***

Enfraquecida por problemas sentimentais (que provavelmente incluía decepção), a noiva deseja reanimar-se com passas, um alimento bastante energético. ‘Confortar’, aqui, equivale a ‘revigorar’.

=> ***“Que não acordeis nem desperteis o meu amor, até que queira” (2.7).***

Esta frase ocorre três vezes em Cantares de Salomão (ver Ct 3.5; 8.4). É a noiva que a emprega, referindo-se à intimidade física conjugal. Ela não quer que haja qualquer intimidade até que a situação seja propícia, isto é, até que ela e o noivo se casem.

Segundo a Bíblia, o único relacionamento sexual lícito é o conjugal.

=> ***“O meu amado é meu, e eu sou dele” (2.16).***

O amor que os dois enamorados têm um pelo outro é genuíno e fiel. Não há desejo nem espaço para outra pessoa. No casamento, deve haver tal amor mútuo e dedicação, que a fidelidade conjugal seja da máxima importância na vida do casal.

¹ Grupo de indivíduos que se distinguem pelo saber e merecimento real; casta, nata.

Capítulo 3

=> *De noite... busquei-o e não o achei (3.1-4).*

‘Noite’ está no plural em hebraico, o que quer dizer ‘noite após noite’. A sulamita podia estar sonhando (v. 5), noite após noite, que estava à procura do seu amado, mas não o encontrava.

=> *“Saí... e contemplei o rei Salomão” (3.11).*

Devido à intercessão de Bate-Seba, mãe de Salomão, e do profeta Natã, Salomão foi apresentado publicamente e ungido rei (1Rs 1.22-39). “O dia do seu desposório^{1,5} é o dia do seu casamento.

Tudo indica que quando Salomão foi apresentado ao povo e ungido rei, já estava casado e usava a coroa com que sua mãe o coroara. Neste contexto, estão as promessas de Deus segundo o concerto.

Capítulo 4

=> *“Tu és toda formosa... em ti não há mancha” (4.7).*

A sulamita era bela e sem defeito. ‘Mancha’ também pode referir-se a máculas morais; ela, portanto, é física e moralmente pura.

=> *“Amana... Senir... Hermom” (4.8).*

Amana é o nome de uma montanha da cordilheira do Antilíbano; na sua extremidade sul estão os picos de Senir e do monte Hermom, a nordeste da Galiléia.

¹ Esponsais, noivado.

=> ***“Tiraste-me o coração minha irmã, minha esposa”***
(4.9).

‘Irmã’, aqui, significa ‘amada’; ‘esposa’ significa ‘noiva’. A noiva amada deteve e cativou o seu coração.

- ✓ **Observação:** Nos tempos bíblicos, o noivado já era parte do casamento, porém, os noivos só podiam viver como casal depois das bodas esponsais. Antes das bodas, cada um vivia em casa de seus pais. Era esta a condição de José e Maria, quando um anjo anunciou a José o futuro nascimento de Jesus através de Maria. Eles eram ‘desposados’, isto é, noivos segundo a Lei (Mt 1.18).

=> ***“Jardim fechado ”*** **(4.12).**

As três figuras de linguagem deste versículo salientam a verdade de que a jovem sulamita permaneceu virgem e sexualmente pura até casar-se.

Manter a virgindade e a abstinência sexual é o padrão bíblico da pureza sexual para todos os jovens, do sexo masculino ou feminino. Violar este padrão santo de Deus é profanar o espírito, o corpo e a consciência, e depreciar¹ o valor do ato da consumação do casamento.

=> ***“Açafrão”*** **(4.14).**

Trata-se de uma planta cujas flores, de tom violeta, produziam uma tinta amarela. Preparava-se um unguento perfumoso, misturando-a com azeite.

=> ***“Cálamo... aloés”*** **(4.14).**

O cálamo é uma especiaria aromática; aloés é uma madeira aromática de Bangladesh e da China.

¹ Desvalorizar. Rebaixar, desestimar, desprezar, desdenhar, menoscar.

Capítulo 5

= “*Safiras*” (5.14).

A safira é uma pedra semipreciosa, de um tom intenso de azul-celeste. Ele é totalmente desejável (Ct 5.16). Tudo o que se diz do noivo é precioso, desejável e encantador.

Capítulo 6

=> “*Formidável como um exército com bandeiras*” (6.4).

O noivo considerava que sua amada inspirava tanto apreço e admiração quanto um exército com bandeiras; i.e., um exército vitorioso.

Outros julgam que a expressão significa “*magnífica como um conglomerado¹ de estrelas*” (como a Via-láctea).

=> “*Sessenta são as rainhas, e oitenta, as concubinas, e as virgens, sem número*” (6.8).

A classificação das mulheres de Jerusalém resume-se em três grupos: rainhas, concubinas e virgens (hb. ‘*alamoth*’) virgens em idade de casar). A sulamita, porém, não se compara com nenhuma delas; ela é a única do seu tipo, e numa classificação à parte.

=> “*Volta, ó sulamita*” (6.13).

Alguns interpretam o termo ‘sulamita’ como ‘mulher oriunda de Suném’ (Js 19.18). Outros, que se trata de uma forma feminina do nome Salomão, como um título, isto é, literalmente, ‘salomanita’, significando a noiva de Salomão.

¹ Conjunto, aglomerado, todo.

Capítulo 7

=> ***“Os viveiros de Hesbom... de Bate-rabim” (7.4).***

Trata-se dos açudes extramuros de Hesbom, cerca de 8 km a nordeste do monte Nebo. Bate-Rabim (lit. ‘filha de multidões’) era sem dúvida o nome de uma das portas de Hesbom.

=> ***“Mandrágoras” (7.13).***

Esta erva é considerada um afrodisíaco, isto é, um estimulante sexual (cf. Gn 30.14-17).

Capítulo 8

=***“Duro como a sepultura o ciúme” (8.6).***

No hebraico o termo aqui traduzido por sepultura é *Seol*. Uma outra tradução para ‘ciúme’, neste versículo, é amor intenso. Tal amor é duro, ou irredutível¹ como o *Seol*, um lugar do qual ninguém pode fugir (ver SI 16.10).

=> ***“O amor é forte como a morte... as muitas águas não poderiam apagar esse amor” (8.6,7).***

No gênero humano nada há mais poderoso ou belo do que a expressão do amor mútuo entre um homem e uma mulher que estão realmente comprometidos um com o outro.

=> ***“Toda a fazenda de sua casa por este amor, certamente a desprezariam” (8.7).***

Tentar adquirir amor por dinheiro é algo ridículo, pois é impossível. Assim também, um

¹ Que não se pode reduzir. Indomável; invencível. Indecomponível.

casamento firmado em bens terrenos, do marido ou da mulher, está fadado ao fracasso.

=> *“Se ela for um muro... se ela for uma porta ” (8.9).*

Se a irmã mais jovem for um muro que resista à tentação, as filhas de Jerusalém, adorná-la-ão (isto é, a prepararão para o casamento). Se ela for uma porta, que se abra à tentação, elas farão tudo o que for necessário para protegê-la da corrupção.

=> *“A minha vinha... está diante de mim” (8.12).*

Em contraste às muitas vinhas de Salomão, sua amada possui uma única vinha. Ele pode ficar com a renda de suas vinhas, e os guardas podem ficar com a parte de cada um (v. 11), mas a vinha dela é algo melhor.

Questionário

* Assinale com “X” as alternativas corretas

6. Cantares de Salomão

- a) É um dos livros da Bíblia que trata exclusivamente do amor especificamente conjugal, os outros são: Oséias e Efésios
- b) É um dos livros do Antigo Testamento mais referenciado no Novo Testamento
- c) Apenas não faz menção no nome de Deus, nem mesmo em símbolos e figuras
- d) É repleto de linguagem imaginativa, discreta, mas realista; tomada principalmente do mundo da natureza

7. O título hebraico do livro de Cantares pode ser traduzido literalmente por

- a) “O Cântico dos Cânticos”
- b) “O Cântico de Sião”
- c) “O Cântico Excelente”
- d) “O Cântico Celeste”

8. Em Cantares há vários elementos naturais. Das alternativas abaixo, assinale a correta

- a) Nardo: é considerado uma erva afrodisíaca, isto é, um estimulante sexual
- b) Mirra: é um unguento perfumado à base de uma erva aromática do Himalaia
- c) Açafrão: é uma planta cujas flores, de tom violeta, produzem uma tinta amarela
- d) Mandrágoras: é uma resina aromática extraída da casca de uma árvore balsâmica que cresce na Arábia e na Índia

■ Marque “C” para Certo e “E” para Errado

9. Cantares de Salomão era sempre lido na Festa da Páscoa dos Judeus
10. Alguns consideravam Cantares como uma coleção de cânticos para serem entoados numa festa de casamento

Livros Poéticos

Referências Bibliográficas

- STAMPS, Donald C.; *Bíblia de Estudo Pentecostal*. Rio de Janeiro - RJ: CPAD, 1995.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo Aurélio Século XXI*. 3^a Ed. Rio de Janeiro - RJ: Editora Nova Fronteira, 1999.
- HALLEY, Henry H., *Manual Bíblico*, São Paulo: Editora Vida Nova, 9^a edição, 1990.
- BOYER, Orlando. *Pequena Enciclopédia Bíblica*. Pindamonhangaba - SP: IBAD.
- DOUGLAS, J. D.; *O Novo Dicionário da Bíblia*. 2^a Ed. São Paulo - SP: Edições Vida Nova, 2001.
- ANDRADE, Claudionor Corrêa de. *Dicionário Teológico*. 6^a Ed. Rio de Janeiro - RJ: CPAD, 1998.
- MEARS, Henrietta C.; *Estudo Panorâmico da Bíblia'*, São Paulo: Editora Vida, 9^a Edição, 1997.
- MCNAIR, S. E.; *A Bíblia Explicada'*,; Rio de Janeiro: CPAD, 1994; 13^a edição.
- PEARLMAN, Myer.; *Através da Bíblia Livro por Livro-*, São Paulo: Editora Vida, 1977.
- , *Manual Bíblico de Halley*. São Paulo: Editora Vida, 2000.
- HOFF, Paul; *O Pentateuco*. São Paulo: Editora Vida.
- ELLISEN, Stanley A.; *Conheça Melhor o Antigo Testamento*. São Paulo: Editora Vida.

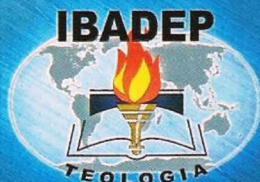
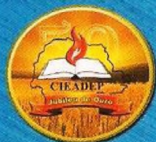


CCB - CCBADB
Reg. 015/00

35 IBADEP anos

1976-2011

35 Anos - 35.000 Alunos



Teologia se faz aqui!



Centenário das
Assembleias de Deus no Brasil
1911-2011

IBADEP - Instituto Bíblico da Assembleia de Deus - Ensino e Pesquisa
Av. Brasil, S/Nº - Cx. Postal 248 - Vila Eletrosul - 85980-000 - Guaíra - PR
E-mail: ibadep@ibadep.com - Fone: (44) 3642-2581 - Site: www.ibadep.com
Coordenador: Pr. M. Douglas Scheffel Jr.
Um departamento da CIEADEP



DIGITALIZADORES

